

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**EDINALVA LEAL FERREIRA**

**AS MARCAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA NA TRAJETÓRIA DE UMA  
PROFESSORA EM UMA ESCOLA CONFSSIONAL**

**CRICIÚMA, JULHO DE 2010.**

**EDINALVA LEAL FERREIRA**

**AS MARCAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA NA TRAJETÓRIA DE UMA  
PROFESSORA EM UMA ESCOLA CONFSSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
para obtenção do grau de Licenciatura, no  
Curso de Pedagogia da Universidade do  
Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Giani Rabelo

**CRICIÚMA, JULHO DE 2010.**

## **EDINALVA LEAL FERREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação, Cultura e Ambiente.

Criciúma, 07 de julho de 2010.

## **BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giani Rabelo – Orientadora (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marli de Oliveira Costa – (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. MSc. Maria Valkiria Zanette - (UNESC)

**Dedico este trabalho, em primeiro lugar, ao meu amado companheiro Eduardo, pela paciência que sempre demonstrou em todos os momentos ao longo desta minha trajetória. Dedico ainda à minha família que amo tanto em especial ao meu querido pai.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a DEUS pela minha saúde, pois sem ele nada disso seria possível.

Ao meu companheiro de todas as horas Eduardo, aos meus familiares, amigas da faculdade pelo apoio durante todos esses anos juntas.

À Universidade que nos proporciona professores de excelente qualidade, o que justifica chegarmos até aqui. Em especial a minha querida orientadora e amiga Giani Rabelo que, com muito carinho e paciência, sempre me atendeu e esteve ao meu lado, sem falar nos projetos em que ela me oportunizou a participação. Quero sempre lembrar com carinho de você. Digo-te “APRENDI MUITO CONTIGO”.

Ao meu amado pai, por sempre achar que a minha capacidade ia mais além daquela que eu imaginava ter;

Ao curso de Pedagogia da UNESC, representado pela nossa Guiomar: obrigada por tudo. À nossa querida secretária de curso que sempre nos atendeu com carinho, Jádna;

E por fim, à todas as pessoas, professores, que de alguma maneira, ajudaram-me e fizeram parte desta conquista.

**"É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada."**  
**(Luís Buñuel)**

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso procura dar visibilidade à trajetória docente de uma ex-freira da Congregação das Filhas do Divino Zelo que atuou no Colégio Cristo Rei de Içara/SC, mantido pela Congregação, desde 1962 até os dias de hoje, tendo como principais eixos a sua opção pela vida religiosa e a docência, bem como, sua formação para o magistério. A opção em trabalhar com as memórias de Elza de Andrade, ex- religiosa da Congregação Filhas do Divino Zelo (Içara/SC), a fim de compreender o processo de construção de sua identidade docente, é uma tentativa de se contrapor a opressão em relação à memória dos velhos imposta pela sociedade capitalista, ou seja, é uma busca pela valorização dos velhos professores e professoras os quais tem a função de nos ensinar por meio de suas experiências. Ao final do estudo, pude entender que a construção da identidade docente de Elza perpassou e foi perpassada, de forma contínua e descontínua, sucessivas fases, nas quais a professora sempre buscou aprimorar seus conhecimentos. Como religiosa, ela teve que se submeter às decisões da Congregação, parecendo não ter vida própria, no entanto, mesmo nestas condições marcadas por idas e vindas, foi persistente no seu processo de formação. Sua identidade docente se constituiu de forma entrecruzada com as exigências de formação e atuação da vida religiosa. Portanto, ser professora, educadora, profissional da educação, foi algo que se constituiu indissociavelmente da sua vida como religiosa, mas também da sua vida pessoal.

**Palavras-chave:** Memória Docente. Prática Pedagógica. Vida Religiosa. Magistério.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1:</b> Beato Annibale Maria Di Francia (1851-1927).....	20
<b>Ilustração 2:</b> Madre Nazarena Majone (*21/06/1869 e +25/01/1939).....	21
<b>Ilustração 3:</b> Colégio Cristo Rei (década de 1970).....	25
<b>Ilustração 4:</b> Capa do livro de Elza de Andrade.....	28
<b>Ilustração 4:</b> Freiras jogando bolas para as crianças do Jardim de Infância da Mineração de Içara (1970).....	38
<b>Ilustração 5:</b> Casa Assistencial da Mineração de Içara (1959).....	39
<b>Ilustração 6:</b> Ir. Elza de Andrade com seus alunos.....	43
<b>Ilustração 7:</b> Edinalva e Elza de Andrade dia em que eu a entrevistei.....	47
<b>Ilustração 8:</b> Carteira que autorizava exercer o cargo de Diretora.....	51



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEPCAN – Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional

FDZ – Filhas do Divino Zelo

MINERASIL – Mineração Geral do Brasil

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SATC – Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão

SESI – Serviço Social da Indústria

USAID – United States Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS NO BRASIL E AS FILHAS DO DIVINO ZELO.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Congregações Religiosas Femininas no Brasil.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A Constituição da Congregação das Filhas do Divino Zelo na Europa.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 A chegada da Congregação das Filhas do Divino Zelo em Içara e a fundação do Colégio Cristo Rei .....</b>	<b>22</b>
<b>3 A INFÂNCIA, VIDA ESCOLAR, FAMÍLIA E A OPÇÃO PELA VIDA RELIGIOSA DE ELZA DE ANDRADE .....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 A memória e as abordagens (auto)biográficas em estudos sobre identidade docente.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Infância e vida escolar de Elza de Andrade .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 A vida familiar .....</b>	<b>34</b>
<b>3.4 A opção pela vida religiosa .....</b>	<b>36</b>
<b>4 VIDA RELIGIOSA E DOCÊNCIA.....</b>	<b>41</b>
<b>4.1. Feminização da vida religiosa e do magistério .....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Elza de Andrade religiosa e professora: guardiã de si e dos outros.....</b>	<b>44</b>
<b>4.3 A experiência no magistério.....</b>	<b>46</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende dar visibilidade à trajetória docente de uma ex-freira da Congregação das Filhas do Divino Zelo que atuou no Colégio Cristo Rei de Içara/SC, mantida pela Congregação, desde 1962 até os dias de hoje.

Neste estudo procurei analisar como sua identidade de professora/religiosa foi sendo construída, tendo como principais eixos sua opção pela vida religiosa e a docência, bem como, sua formação para o magistério.

A escolha desta professora religiosa, enquanto sujeito deste estudo, se deu a partir de minha atuação no projeto de pesquisa intitulado “As pedagogias missionárias na Sala de Aula”<sup>1</sup>, cujo desenvolvimento se deu no âmbito do Programa de Iniciação Científica PIC – 170/ UNESCO (2008 -2009). O referido projeto envolveu as pequenas Irmãs da Divina Providência do Colégio Michel (Criciúma), as Irmãs Beneditinas do Colégio São Bento (Criciúma) e as Filhas do Divino Zelo do Colégio Cristo Rei (Içara). Durante o projeto, fiquei com a incumbência de estudar as Filhas do Divino Zelo e sua experiência voltada para a educação a partir da criação do Colégio Cristo Rei.

Cabe ressaltar que anteriormente participei de outro projeto, agora de extensão, denominado: *Littera Culturallis* (2006/2007). Neste, em conjunto com outros colegas bolsistas e professores(as) orientadores(as), desenvolvemos um trabalho de organização, catalogação e preservação de documentos de algumas escolas da rede municipal de Criciúma/SC. Um dos principais objetivos foi o de sensibilizar a comunidade escolar para a importância de guardar os documentos produzidos pela escola, ao longo dos anos, visto que esses documentos são importantes para a história da própria instituição, uma vez que a cultura do descarte é comum na maior parte das escolas.

As experiências adquiridas no âmbito dos projetos em que participei ativamente, somadas às discussões teóricas sobre memória, história oral, memória

---

<sup>1</sup> O objetivo central deste projeto é desenvolver uma investigação, com o intuito de promover uma aproximação das pedagogias missionárias protagonizadas pelas freiras em seus colégios, na condição de professoras. A pedagogia missionária vista sob a ótica dos saberes, valores, formas de ver, de conhecer e de ensinar, como difusoras de práticas sociais e culturais, que ensinaram pensamentos e comportamentos àqueles que foram os alvos delas, ou seja, os filhos e filhas das elites locais do complexo carbonífero, mais precisamente da cidade de Criciúma e Içara, cidades localizadas no sul catarinense.

docente, cultura material escolar, religião e gênero contribuíram muito para a definição do foco desse Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, o qual está fundamentado nesses conceitos, na área da história da educação.

Ao iniciar as pesquisas pude perceber que as Filhas do Divino Zelo começaram a trabalhar na Vila Operária de Mineração de Içara em 1959 e, logo em seguida, no ano de 1962, inauguraram, no centro da cidade de Içara, o Colégio Cristo Rei, atualmente voltado para a educação básica. Em Mineração, de Içara, ou seja, no atual Bairro Aurora, as Filhas do Divino Zelo fundaram uma Casa Assistencial. Nos registros do Diário da Casa - documento que reúne um conjunto de apontamentos sobre o dia a dia da instituição - consta que as Religiosas vieram diretamente da Itália, convidadas pelos Padres Rogacionistas de Criciúma. A abertura da casa em Içara tinha como finalidade expandir o número de vocações, além de prestar assistência social, religiosa e educativa às famílias dos operários mineiros da Carbonífera Barão do Rio Branco.

Durante o período de pesquisa sobre a história do Colégio Cristo Rei, foram reunidos vários documentos, desde a fundação da instituição até os dias atuais, oportunizando-me melhor entender a história dessa instituição educacional.

Ficou evidenciado, em registros encontrados nos arquivos do referido educandário, que o grupo docente era formado inicialmente, em sua maioria, por professoras religiosas. Na tentativa de encontrá-las para entrevistá-las identifiquei a Irmã Maria Ângela de Andrade, como é chamada na comunidade religiosa Filhas do Divino Zelo, ela acompanhou grande parte da história do estabelecimento.

Elza de Andrade entrou nessa Congregação aos 11 anos de idade. Além de ter sua formação religiosa, teve também apoio da Congregação para a sua formação para o magistério. Ela atuou na instituição como professora do jardim de infância, ensino fundamental, bem como, na secretaria e biblioteca, além de ter sido diretora do Colégio Cristo Rei por três anos.

A fim de conhecer e problematizar sua trajetória de formação para a vida religiosa e para o magistério, e também, saber como estas se entrecruzaram na sua experiência docente, utilizei a metodologia da História Oral.

A História Oral, neste sentido, alimenta um acordo de algo durável, que não só pode, mas deve ser permanente, pois se trata de um arquivamento da experiência do indivíduo, para ser guardado e protegido para o futuro, a fim de que outros pesquisadores possam vir a utilizá-lo (MEIHY, 1996).

A História Oral permite, ainda, que as pessoas de diversas categorias sociais possam se pronunciar - as que ficaram anônimas, aquelas pessoas que foram esquecidas pelas páginas dos livros da história oficial, mas que também fazem parte de todo o processo de desenvolvimento das sociedades - contrapondo-se à história que privilegia os atos históricos em que apenas uma figura é apresentada, sendo que os demais participantes desta história aparecem apenas como figurantes.

Portanto, é pelo pronunciamento dessas pessoas “comuns” que teremos registros para análises futuras, através de suas próprias visões, construindo assim uma imagem do passado mais abrangente. A História Oral utiliza-se de recursos modernos, como gravadores e filmagens usados para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à vida social de pessoas. Tal técnica se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, mantendo um compromisso com o contexto social. É, portanto, uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (MEIHY, 1996).

A História Oral começou a ser utilizada na década de 1950, após a invenção do gravador, começando nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então, difundiu-se bastante. GANHOU, também, cada vez mais adeptos, ampliando o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

Neste contexto, Meihy (1996, p. 16) afirma que:

Há três formas de história oral, de vida, temática e tradição oral, estas modalidades dependem de entrevistas com pessoas que estão com as faculdades mentais em boas condições e se apresentam para dar depoimento independentemente de pagamento ou outros benefícios materiais.

A História Oral de Vida é considerada a mais comum ou a mais cultivada do gênero. Como o próprio nome já diz, trata-se da narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa. Para Meihy (1996), a História Oral de vida é muito mais subjetiva que objetiva, neste gênero o depoente é visto como o centro da

história, nas entrevistas as perguntas devem ser sempre bem amplas, e principalmente na sequência cronológica da trajetória do entrevistado. Nesta modalidade, deve-se registrar na gravação a ficha técnica do depoente (nome completo, estado civil, local e data do encontro). No caso de serem entrevistadas várias pessoas, repete-se a operação.

Na tradição oral temos uma das mais bonitas formas de expressão que busca a permanência dos mitos, numa visão de mundo pautada em comunidades que têm seus valores filtrados por estruturas mentais, que têm como referência um passado remoto, pois:

Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos (MEIHY, 1996, p. 45).

A História Oral Temática foi a mais utilizada nos projetos em que participei. Sobre esta outra modalidade Meihy (1996, p. 41) acrescenta:

Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central. A história oral temática não só admite o uso do questionário mas, mais do que isto, este torna-se peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados.

Cabe ressaltar que foi dentro da metodologia da história oral e, mais precisamente, dentro da história oral temática, que pautei meu trabalho de entrevista realizado com a ex-religiosa Elza de Andrade. Num 1º momento, elaborei um roteiro (Anexo A), no qual foram listados os tópicos a serem abordados com a entrevistada. Posteriormente, num 2º momento foi realizada a entrevista gravada com a permissão prévia de Elza de Andrade. Antes de iniciar a entrevista, esclareci sobre o estudo que estava sendo realizado, sua procedência, objetivos e finalidades.

Num 3º momento, a entrevista foi transcrita na íntegra, em seguida, foi feito o processo de transcrição, que consiste na “lapidação da fala bruta”, a fim de corrigir eventuais erros gramaticais e vícios próprios da linguagem oral. A 4ª etapa consistiu no retorno da entrevista transcrita para a entrevistada, permitindo que ela pudesse avaliá-la e autorizá-la através de um Termo de Consentimento (Anexo B) para o seu uso na pesquisa. Finalmente, ocorreu a edição da entrevista, etapa que consistiu na retirada da fala da entrevistadora e divisão da entrevista em categorias

temáticas, ou seja, este foi o momento em que a entrevista passou a ser organizada por temas.

No ato da entrevista foram utilizadas fotografias coletadas no arquivo do Colégio Cristo Rei<sup>2</sup>. As fotografias, de certo modo, cumpriram o papel de evocadores das lembranças de Elza de Andrade. Assim sendo, através das fotografias ela lembrou-se de circunstâncias e acontecimentos que estavam silenciados em sua memória.

É interessante notar que memória é compartilhada de diversas formas e maneiras, na reunião familiar, no encontro com velhos amigos, no degustar da bebida preferida, nas lembranças de uma viagem, na conversa com um desconhecido. Além das fotografias, o entrevistado pode através do perfume ou odor de um determinado objeto ou do paladar, por exemplo, evocar lembranças que julgava ter esquecido.

Neste sentido Mignot (1997, p. 39) acrescenta:

O manusear de velhos papéis, fotos, cartas, bilhetinhos, textos inéditos, recortes de jornais, convida a um folhear ziguezagueante, enquanto se tenta colocar em ordem a desordem que é a vida. Guardados ao longo de anos têm cheiro, cor, forma, textura, volume. Resistentes a roteiros preestabelecidos, os documentos maravilham, perturbam, seduzem.

Neste trabalho de pesquisa o documento resultante da entrevista não foi utilizando como fonte única, também foram identificados documentos textuais e iconográficos reunidos no trabalho de campo, uma vez que a ex-religiosa Elza de Andrade abriu seu arquivo pessoal no qual guarda vários documentos que retratam a sua trajetória como aluna, professora e religiosa dentro da Congregação Filhas do Divino Zelo. Foram acessados vários documentos, tais como: certificado para secretária de escola, registro de professora, certificado do Curso de Letras (FUCRI), certificado do Curso Normal, carteiras de professora, curso para diretora de escola. Além das memórias de ex-religiosa, obtive, por seu intermédio, acesso a um livro que ela mesma produziu sobre sua história. Tal livro aborda desde sua infância até os últimos dias em que esteve ligada à referida Congregação, tratando-se, pois, de uma autobiografia.

---

<sup>2</sup> Todas as fotografias do Colégio Cristo Rei foram digitalizadas para o projeto “As pedagogias missionárias na sala de aula”, anteriormente citado.

Neste sentido é importante discorrer sobre a importância do cruzamento de fontes. Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2001, p.90) ao discutirem esta questão sugerem que “a utilização de outros documentos, é importante, pois o pesquisador corre menos risco de considerar as entrevistas como a ‘voz’ daqueles que não podem falar”. A consulta a outras fontes, para elas, auxilia no sentido de “[...] formular as próprias questões das entrevistas e melhor compreender suas respostas”.

Neste contexto, Lopes e Galvão (2001, p.93) afirmam ainda que:

O cruzamento e confronto das fontes poderá também ajudar no controle da subjetividade do pesquisador. É uma operação indispensável. Há uma expressão antiga que diz bastante do incansável trabalho que se há de ter com o entretecer do problema, com as questões formuladas e a ida à fontes: “*da bigorna à forja, da forja à bigorna*”.

O cruzamento das fontes só foi possível, neste estudo, devido à postura da entrevistada que possibilitou à pesquisadora o contato com vários documentos que registram sua trajetória.

Entre os Trabalhos de Conclusão de Curso apresentados ao Curso de Pedagogia da UNESCO, existem pesquisas que dão visibilidade às memórias de algumas docentes, mas nenhuma que problematize a trajetória de uma professora religiosa e que tenha como uma das fontes a própria autobiografia da informante. Este estudo apresentará uma nova problemática, pois é visível que as práticas de uma educadora religiosa diferem-se das de uma leiga, a começar pela formação que se dá dentro da instituição religiosa.

Este estudo foi desenvolvido dentro da Linha de Pesquisa “Educação, Cultura e Ambiente”, mais precisamente, dentro do Eixo Temático “Memória, Infância e Sociedade”. A memória é um componente essencial das narrativas e é por meio da rememoração que os relatos dos sujeitos comuns podem dar visibilidade às situações e às experiências por eles vivenciadas, revividas e re-elaboradas a partir do presente.

No primeiro capítulo deste trabalho monográfico, contextualizarei historicamente as Congregações Religiosas no Brasil, num segundo momento enfocarei também a fundação da Congregação das Filhas do Divino Zelo, na Europa e, num terceiro momento tratarei da vinda desta Congregação para o Brasil, mais



precisamente, para o município de Içara, dando ênfase a instalação do Colégio Cristo Rei.

No segundo capítulo, trato acerca da opção da Irmã Elza de Andrade pela vida religiosa, analisando a entrevista realizada com a ex-freira, bem como o livro que trata de sua autobiografia, discorrendo, assim, sobre sua infância, família e vida escolar.

No terceiro e último capítulo, problematizarei e entrecruzarei a vida religiosa, com a atividade de docência, procurando perceber como ambas estiveram ligadas, levando em consideração que, em hipótese alguma, uma pode ser analisada separadamente da outra.

## **2 AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS NO BRASIL E AS FILHAS DO DIVINO ZELO.**

Neste capítulo problematizo, em um primeiro momento, as congregações religiosas femininas no Brasil, bem como o processo de instalação das mesmas. Em um segundo momento, apresento informações sobre a criação da Congregação das Filhas do Divino Zelo na Europa, enfocando o fundador e a co-fundadora da Congregação por fim, a chegada da referida Congregação no então Distrito de Içara/SC e a construção do Colégio Cristo Rei.

### **2.1 Congregações Religiosas Femininas no Brasil.**

No Brasil, mais precisamente, no final do século XIX, as freiras eram encarregadas de tarefas necessárias à sociedade. Assim, as funções que eram delegadas às religiosas centravam-se principalmente no campo da educação, da saúde e da assistência social.

Antes disso, ainda no Brasil Colônia, era proibido ser freira. O primeiro mosteiro surgiu no século XVII, em 1677, era o Convento de Santa Clara do Desterro, na Bahia. Enquanto isso, nas terras vizinhas colonizadas pela Espanha já havia mais de 70 conventos. É visto que, essa diferença se deve a fatores econômicos, políticos e populacionais (PRIORE, 1997).

A fundação e a manutenção das casas religiosas exigiam grandes investimentos financeiros e a América portuguesa não tinha uma economia forte nos seus primeiros anos, dificultando a criação e manutenção dos conventos. Somente no século XVII, com as transformações sociais e econômicas proporcionadas pelo desenvolvimento da indústria açucareira é que surgiu a necessidade de se criar mosteiros, bem como as condições para mantê-los.

Os senhores de engenho financiaram os mosteiros, mas mesmo depois de apresentar condições financeiras melhores, com as explorações das minas de ouro no século XVIII, a ordem do Rei era a de não criação de conventos para mulheres. É importante ressaltar, ainda, que houve a interferência de fatores

culturais na proibição de conventos no Brasil, como o descrédito da vida contemplativa e a crítica à ociosidade do clero, algo tão comum no século XVIII (PRIORE, 1997).

No século XIX, no entanto, a vida religiosa feminina sofreu profundas transformações. No final do período colonial, a Igreja se encontrava desorganizada e sem muita influência política. A partir daí surgia a necessidade de um público dócil, as mulheres por sua vez tornam-se alvos privilegiados das Igrejas, pois na visão da Igreja as mulheres eram esse público, foram criadas associações femininas e vários outros projetos envolvendo as mulheres. A população feminina se beneficiou de algumas iniciativas católicas dessa época, principalmente no campo da educação. Ainda no século XIX houve um desenvolvimento muito rápido de escolas para meninas e as religiosas eram elementos fundamentais neste processo (PRIORE, 1997).

Ainda segundo a autora, outra forma de vida conventual foi o aparecimento das Congregações Religiosas. Essas, inicialmente, tinham em seus projetos um olhar para o social, sendo a irmã de caridade como uma figura de bondade e dedicação perante a sociedade. Este modelo de vida religiosa, presente na Europa desde o início do século XIX chegou ao Brasil somente no momento da transição entre Império e Primeira República, acompanhado do processo de reforma da Igreja Católica.

Neste contexto, cabe ressaltar que as congregações que surgiram no final do século XIX eram aquelas que tinham em seu projeto um olhar voltado para atuar em benefício social, cuja denominação foi de “Congregações religiosas de vida ativa”. Este modelo de vida religiosa difere-se das freiras enclausuradas do período colonial, uma vez que a participação das mulheres no catolicismo colonial brasileiro foi bastante restrita. (PRIORE, 1997).

Neste sentido Azzi e Rezende (1983, p. 24), afirmam:

[...] houve dois tipos de vida religiosa feminina que correram paralelamente durante todo o período colonial, um oficial, canônico, estabelecido nos conventos e mosteiros e reservado às mulheres brancas e ricas da classe senhorial portuguesa; outro bem mais informal e difuso, não reconhecido oficialmente, único acessível às mulatas, negras e mesmo às brancas pobres, vivido em recolhimentos, beatários, nas casas de famílias.

A partir da metade do século XIX surge o processo de “clericalização” do catolicismo brasileiro, o qual buscava centrar a ação religiosa em torno do

sacramento, ou seja, do padre, retirando as Irmandades, comandadas por leigos, bem como seu peso político e religioso, tornando, assim, as mulheres alvos para desenvolver projetos idealizados pela Igreja Católica. Pretendia-se, ainda, diminuir ou anular o poder do laicato masculino até então instituído. A partir de então, desenvolveram-se projetos específicos, voltados para as mulheres.

Neste sentido Priore (1997, p. 492) acrescenta:

No Império, duas congregações femininas iniciam aqui suas atividades: as filhas da caridade, em 1849, e as irmãs de São José de Chambéry, em 1858. A partir de 1891, intensifica-se a vida de religiosas estrangeiras, em sua maioria francesas e italianas. Entre 1872 e 1920, cinquenta e oito congregações européias se estabelecem em terras brasileiras; outras 19 também são fundadas no Brasil por essa época. O trabalho educativo nos colégios, o cuidado dos doentes, das crianças e dos velhos em orfanatos e asilos constituirão suas principais atividades.

O apoio da Igreja brasileira, interessada no campo da educação, bem como do governo, possibilitou que as congregações instalassem seus colégios no país.

Priore (1997, p. 493) acrescenta:

As congregações conquistaram espaços sociais cada vez maiores, seus efetivos se multiplicaram e, enfim, a vida religiosa feminina solidificou suas raízes em nosso País. Na segunda metade do século XIX, religiosas e religiosos detinham praticamente o monopólio da educação no Brasil: das 4.600 escolas secundárias existentes, 60% pertenciam à Igreja e gozavam de enorme prestígio.

As religiosas empenhavam-se em direções de colégios, hospitais e obras de caridade, construindo certa autonomia, aparecendo à frente de instituições de propriedade das congregações, exercendo, ainda, cargos de chefia.

A pesquisa envolvendo as congregações religiosas femininas no Brasil é algo que nos faz refletir sobre os vários fatores que contribuíram para que essas instituições pudessem se instalar no país, sobretudo a fim de entender quais foram as áreas de atuação das religiosas, qual foi a importância e a contribuição desse segmento para a história da educação.

Com o objetivo de compreender de forma mais concreta o papel dessas congregações é que busquei me aproximar da história da Congregação das Filhas do Divino Zelo, desde sua fundação na Europa, a partir de seu fundador e co-fundadora.

## 2.2 A Constituição da Congregação das Filhas do Divino Zelo na Europa

A Congregação das Filhas do Divino Zelo foi fundada em 1887 pelo Pe. Aníbal Maria Di Francia, também fundador da Congregação Masculina dos Rogacionistas. O fundador da referida Congregação teve uma infância voltada para o trabalho religioso. Fundou, também, alguns orfanatos colocando-os sob a proteção de Santo Antonio de Pádua, os quais ficaram, por isso, conhecidos como *Antonianos*. Nesse sentido Rabelo, (2007, p. 52) acrescenta:

O Pe Aníbal Maria Di Francia nasceu em Messina, na Itália e era filho de Anna Toscano e Francisco Marquês de S. Catarina de Jonio, vice-cônsul pontifício e capitão honorário da marinha, teve quatro irmãos e ficou órfão de pai aos 15 meses de idade, após completar seus estudos foi ordenado sacerdote e escolhido pelo Bispo para trabalhar com crianças pobres e órfãs na periferia da cidade de Messina na Itália, nestas instituições os órfãos recebiam comida, trabalho educação moral e religiosa.



**Ilustração 3:** Beato Annibale Maria Di Francia (1851-1927)

**Fonte:** <http://www.litografiacristore.it/pages/fondatore.html>

As Filhas do Divino Zelo tiveram uma co-fundadora. A esse respeito Rabelo (2007, p. 153) declara:

As Filhas do Divino Zelo têm como co-fundadora Maria Majone. Nasceu na Itália e foi a última dos seis filhos de Bruno Majone e Marta Falcone. Viveu sua infância e adolescência no povoado de Graniti, na região de Catânia, na Itália. Além dos afazeres de casa e as ocupações na igreja paroquial, onde ensinava o catecismo para crianças menores, também era atuante na Pia União das Filhas de Maria. Em 1889 conheceu a obra de Padre Aníbal, através de duas religiosas que foram a Graniti pedir esmolas. Depois de uma visita a Avinhone, Maria Majone entrou no recém-fundado instituto, no ano de 1889. Por sua adesão radical à causa da obra, assumiu muito cedo a coordenação geral como Madre. Pe. Aníbal Di Francia a reconheceu "Co-fundadora" das Filhas do Divino Zelo.



**Ilustração 4:** Madre Nazarena Majone (\*21/06/1869 e +25/01/1939).

Fonte: [http://www.istitutospiritoso.net/madre\\_nazarena.html](http://www.istitutospiritoso.net/madre_nazarena.html)

No próximo item enfoco a chegada da Congregação das Filhas do Divino Zelo em Içara, na época, distrito de Criciúma, bem como, a fundação de uma escola confessional, o Colégio Cristo Rei.

As religiosas que ali atuaram vieram diretamente da Itália, mas no início fundaram uma Casa Assistencial em Mineração, atual bairro Aurora, em Içara, onde passaram a atender famílias operárias da Carbonífera Barão do Rio Branco, a fim de levar ensino, trabalho, educação religiosa às famílias operárias e, além disso, expandir as vocações religiosas.

### **2.3 A chegada da Congregação das Filhas do Divino Zelo em Içara e a fundação do Colégio Cristo Rei**

No Brasil, as Filhas do Divino Zelo instalaram-se, inicialmente, na cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro, no ano de 1951, onde fundaram o Colégio Santo Antônio, Casa-Mãe do Instituto na América Latina (HISTÓRICO..., 2007) e, posteriormente, instalaram-se no então Distrito de Içara, mais precisamente na Vila Operária da Mineração, local onde havia uma concentração de operários da Carbonífera Barão do Rio Branco. Nessa localidade, fundaram a Casa Assistencial em 1959. Naquele momento, o Distrito de Içara tinha a maior concentração de minas de carvão.

A chegada das irmãs em Mineração de Içara configurou-se num evento importante para a pequena e pacata vila, houve um ritual festivo em comemoração à chegada das irmãs (CRÔNICA..., 1959, p. 22).

Antes de se instalarem na Casa Assistencial, as religiosas permaneceram hospedadas, por alguns dias, no Bairro da Juventude, instituição administrada até os dias de hoje pelos padres Rogacionistas.

O trabalho realizado na Casa Assistencial era voltado principalmente para as famílias operárias, em especial, para os filhos e filhas dos operários. Suas ações orientavam-se para um trabalho sócio educativo e religioso, além disso, ofereciam vários cursos para as filhas dos operários como, por exemplo, curso de tricô, bordado, corte e costura. Para as moças interessadas em seguir a vida religiosa, como foi o caso da ex-freira Elza de Andrade, era dada a oportunidade de ingressar na Congregação.

Em 1962, a Congregação inaugurou, no centro de Içara, uma entidade denominada Sociedade Civil Colégio Cristo Rei. Cabe ressaltar que o colégio foi fundado como Sociedade Civil com o objetivo de não haver proprietários, pois a instituição necessitava da contribuição de benfeitores para manter-se funcionando. Este fato fica evidente no Livro Ata da Sociedade Civil Colégio Cristo Rei:

O patrimônio é constituído atualmente pelos bens móveis e imóveis que o Colégio Cristo Rei tenha adquirido ou venha adquirir, na forma legislação

Civil, como ainda da legislação eclesiástica, cujos cânones o Colégio Cristo Rei declara querer sempre respeitar, em qualquer matéria. Não produzindo renda o patrimônio, o Colégio manterá suas atividades mediante a contribuição de seus alunos, a cooperação de benfeitores e subvenções dos poderes federais, estaduais e municipais (LIVRO ATA..., 1960, p. 1).

O Colégio Cristo Rei foi fundado com o objetivo de desenvolver obras voltadas à educação, ou seja, jardim de infância, curso primário, secundário e profissionalizante, e também à assistência social. Esta última deveria beneficiar a adolescência e a juventude, sobretudo a mais abandonada, dando preferência aos filhos de operários que trabalhassem ou que tivessem trabalhado na indústria da extração do carvão do sul do Estado, é o que consta no livro Ata da Sociedade Civil Colégio Cristo Rei (1960, p. 2).

Sobre o início das aulas no Colégio Cristo Rei foi registrado o seguinte:

Também aqui se inicia a escola do primeiro ano, e a professora é Dirlei de Luca. O pré-primário e o jardim de infância as mestras revezam porque devem ir à escola e devem estudar em turnos diferentes as seguintes irmãs: Irmã Evangelina, Maria Eli Milanês, Azélia Macam, **Elza de Andrade**, as aulas vêm sendo realizadas numa sala, isto é, no laboratório das irmãs e das juvenistas e também na lavanderia (CRÔNICA ..., 1959, p. 27).

Vale registrar como ocorreu a construção do Colégio Cristo Rei, quem financiou as obras, apesar das dificuldades encontradas. Segundo informações contidas na Crônica da Casa Assistencial de Mineração de Içara (1959), as irmãs receberam um telegrama no qual era informado que o Estatuto do Colégio Cristo Rei havia sido aprovado pelo Governo Federal. Após este ocorrido as irmãs dirigiram-se para Criciúma, levando os documentos necessários a fim de apresentá-los à Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), ao Serviço Social da Indústria (SESI) e à Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN<sup>3</sup>), a fim de conseguir subvenções para iniciar a construção do educandário. Além de passarem a receber ajuda do “Plano do Carvão”, as irmãs também receberam ajuda da própria Congregação das Filhas do Divino Zelo.

Além disso, as irmãs realizavam alguns eventos, como churrascos comunitários, para arrecadar fundos para a construção do colégio, uma vez que “as

---

<sup>3</sup> A Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), ou o “Plano do Carvão” como era conhecido foi criado pelo Governo Vargas entre os anos de 1953 e 1973, que, entre outras finalidades, previa a ampliação da produção. O Plano era responsável ainda, entre outras coisas, pelo controle, produção e distribuição do carvão no País.



dificuldades eram inúmeras, pois além da construção do Colégio Cristo Rei que estava em andamento tínhamos que nos manter e ajudar a comunidade” (CRÔNICA..., 1959, p. 24).

A inauguração do colégio aconteceu dia 8 de dezembro de 1962, às 7 horas da manhã com uma missa celebrada pelo Padre Paulo Petruzéllis. Depois da missa houve a benção da estátua do Cristo Rei (CRÔNICA..., 1959).

O Colégio Cristo Rei está em pleno funcionamento atualmente, no endereço onde foi fundado em 1962, na cidade de Içara. Segundo informações, contidas no site da instituição o Colégio atualmente segue os seguintes princípios:

Somos uma Instituição Educativa, confessional católica, sem fins lucrativos, que se inspira na Pedagogia do Amor e fundamenta-se nos princípios humanos e cristãos, mantida pela Congregação das Filhas do Divino Zelo, que tem como missão na Igreja, zelar pelo cumprimento do mandato de Cristo: "Rogai ao Senhor da Messe para que mande operários a sua messe" (Lc 10,2), e na escola, educar para o mundo em contínua mobilidade pelo comprometimento e sensibilidade no fazer educativo, tendo em vista a formação de pessoas plenas, integras e integradas, em suas dimensões cultural, ética, política, sócio-afetiva e religiosa, capazes de conviver com mudanças, gerando transformação a partir dos princípios Evangélicos, do Magistério da Igreja, das orientações da Congregação e da legislação vigente. Disponível em: ([www.ccr-sc.educacional.net/ciencias.asp](http://www.ccr-sc.educacional.net/ciencias.asp)). Acesso em 20 de maio de 2009.

No site do Colégio Cristo Rei também há registros sobre a trajetória do educandário desde o início até os dias de hoje:

Nestes 42 anos de trabalho educativo, de tradição e experiência, o Colégio Cristo Rei, construiu sua história, marcando seus passos na comunidade local, se expandindo gradativamente. Em 1962, iniciou suas atividades com o então chamado Pré-Primário (hoje, Educação Infantil), Primário e Ginásio (hoje, Ensino fundamental). Posteriormente implantou o 2º Grau, (hoje, Ensino Médio). Muitos esforços têm sido feito para transformar esta Escola numa força educativa, capaz de oferecer um ensino que possibilite ao aluno inserir-se no mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, desenvolvendo suas potencialidades, preparando-se para o mundo do trabalho, buscando sua realização pessoal e a transformação social. Hoje, o Colégio Cristo Rei, encontra-se bem preparado e equipado, oferecendo uma educação de qualidade na Educação Infantil (ensino Pré-Escolar), Ensino Fundamental e Ensino Médio.



**Ilustração 7:** Colégio Cristo Rei de Içara (dec. de 1970)

**Fonte:** Arquivo Filhas do Divino Zelo

A história deste educandário nos leva a inferir que os estudos sobre as instituições escolares são muito importantes para o campo da história da educação, no entanto, para compreendermos sua complexidade e as transformações que vem sofrendo ao longo dos anos, é preciso investigar a trajetória dos sujeitos que contribuíram para a história da instituição, conferindo-lhes a condição de sujeitos históricos. Entre estes sujeitos estão os/as docentes e, no caso de uma escola administrada por uma congregação religiosa feminina há uma especificidade, ou seja, a docência exercida por professoras religiosas.

A fim de aproximar-me da docência religiosa, sem deixar de compreendê-la como multifacetada, busco a experiência de uma ex-religiosa – Elza de Andrade – pertencente à Congregação das Filhas do Divino Zelo que exerceu o magistério no Colégio Cristo Rei de Içara durante muitos anos, desde o início de sua carreira como educadora. Percorro um caminho neste estudo delineado pelas fontes encontradas, entre elas: um livro produzido e publicados pela própria ex-religiosa, uma entrevista com ela realizada e alguns documentos que registram sua vida profissional.

No próximo capítulo procuro analisar como sua identidade de professora/religiosa foi sendo construída, tendo como principais eixos a sua opção pela vida religiosa e a docência, bem como, sua formação para o magistério.

### **3 A INFÂNCIA, VIDA ESCOLAR, FAMÍLIA E A OPÇÃO PELA VIDA RELIGIOSA DE ELZA DE ANDRADE**

Neste capítulo busco compreender a opção de Elza de Andrade pela vida religiosa, sua infância na Vila Operária de Mineração de Içara, sua família, assim como sua vida escolar. Também apresento uma discussão sobre a memória e as abordagens (auto)biográficas em estudos sobre identidade docente. Para este fim, analisei o livro autobiográfico da ex-religiosa. Além disso, problematizo a entrevista com ela realizada a partir do uso da história oral temática, bem como os documentos textuais e iconográficos guardados e cedidos pela professora/ religiosa. Esses documentos foram considerados por mim como um lugar de memória, que traz vestígios sobre a trajetória de Elza de Andrade, desde a infância até chegar à vida religiosa e à docência.

#### **3.1 A memória e as abordagens (auto)biográficas em estudos sobre identidade docente**

Diante de uma realidade social em constante mudança faz-se necessário um olhar que valorize as histórias de vida, bem como, as experiências vividas pelos indivíduos.

Durante muito tempo o mundo foi visto como estrutura e como representação. Impõe-se, agora, vê-lo também como experiência, o que obriga à invenção de uma nova epistemologia do sujeito. [...] A perspectiva experiencial situa os indivíduos no centro da história sociocultural, concedendo uma atenção privilegiada às suas memória e recordações. Mas para compreender a construção cultural complexa da vida e da experiência é preciso que nos dotemos de novos instrumentos teóricos e metodológicos. Caso contrário, caímos na armadilha de “naturalizar” as vozes dos professores ou de “sacralizar” as histórias de vida. (NÓVOA apud ABRAHÃO, 2001, p. 9).

Em seu livro autobiográfico, Elza conta a sua história e de sua família. Nele ela expressa o amor pelos irmãos, pelos pais já falecidos, por pessoas que ela considera importantes na sua vida e em sua trajetória religiosa. Logo na introdução, ela apresenta os motivos que a levaram a escrever sua autobiografia e assim se

expressa: “[...] de uns anos para cá, suscitou em mim um imenso desejo de escrever um livro e nesse livro, contar a minha história, a minha vida, no meio de um lindo jardim, que é a minha família” (ANDRADE, 2006, p. 7).



**Ilustração 5:** Capa do livro de Elza de Andrade  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Elza de Andrade

Esse desejo remete à idéia de que as pessoas que escrevem sua própria história, são pessoas que tentam se tornar imortais, como discute Lopes (2003, p. 56):

Na minha opinião, as autobiografias existem, tanto para garantir, em um inútil esforço, “uma certa imagem certa” futura de si, quanto para que seus autores se mantenham confortavelmente escondidos naquilo que Fernando Pessoa proclamou: a propriedade e a inalienabilidade da própria vida. A pulsão de se dar a arquivar é um combate a morte, mas também uma adesão a ela.

A autora, diz ainda, que vivemos na “sociedade do espetáculo” em que falar de si, mostrar-se, escrever de si, está no ar do tempo, uma vez que “[...] há urgência em deixar registrado o que se é, escrevendo, falando, mostrando, isso vem sendo estimulado pela mídia, mas também por pesquisas nas áreas da história, antropologia e educação em arte” (LOPES, 2003, p. 58). A área da educação,

segundo a autora, tem sido uma das áreas que mais tem lançado mão das autobiografias como instrumento de trabalho, focando na formação de professores/as, sendo esta também uma das opções realizadas por esta pesquisadora.

É importante também salientar que:

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória. (ABRAHAO, 2001, p. 23)

Fazer uso de autobiografia para compreender a identidade docente, o processo de formação e os acontecimentos que antecederam nesta escolha profissional implica compreender que esta modalidade literária faz uso da memória de quem escreve, ou seja, da pessoa autobiografada, pois nela a pessoa narra sua história de vida.

Para Costa Lima (1985, p. 244) memórias e autobiografias são indissociáveis:

Pois memórias e autobiografias são substitutos dos espelhos. Se estes, metálicos e implacáveis, assinalam o desgaste dos traços, o torpor dos olhos, a redondez do ventre, fechamo-nos contra a maldade dos espelhos e procuramos nos rever no que fomos, como se o percurso da antiga paisagem nos capacitasse a nos explicar ante nós mesmos.

Neste sentido, reporto-me a Queiroz (1987, p. 283 apud OLIVEIRA, 1997, p. 106) quando ele afirma que “ao escrever sobre si o sujeito opera com a memória trabalho que seleciona, que reflete, que se emociona e que reelabora suas memórias”.

O estudo da memória, no entanto, mostra sua amplitude e, principalmente, a singularidade deste conceito e não pode ser sintetizado de uma forma abrangente e única, pois esta se diferencia no sentido de como é considerada e estudada, em diversas áreas do conhecimento, bem como em diversas épocas. Para contextualizar esta reflexão dirijo-me a Bosi (1994) que faz uma brilhante discussão sobre a memória de velhos na sociedade capitalista, em sua obra *Memória e Sociedade*.

A velhice, de acordo com a autora, tornou-se algo que se pode resumir em apenas “lembrar e aconselhar”. A sociedade capitalista impede a lembrança, usa o trabalho do velho e depois o despreza, é uma sociedade que desarma o velho, que oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. Deste modo

[...] a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (BOSI, 1994, p. 19)

Em sua tese a autora discute a opressão a que está submetida à memória dos velhos, mas busca compreender a origem dessa opressão, ela constata que a degradação começa de forma prematura com a desvalorização da pessoa que trabalha. Para ela, a sociedade não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista. Sobre este processo ela lança algumas indagações e responde:

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? [...] Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem? A resposta é radical [...]: seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem. A noção que temos da velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações. (BOSI, 1994, p. 20)

A autora fala da espoliação, ou seja, do roubo das lembranças. As histórias dos personagens de Bosi (1994) mostram que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória dos velhos, e isso não ocorre por acaso. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam. Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. Isso significa que os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função em sociedade: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade.

Ainda na visão da autora, o homem jovem e ativo, em geral, não se ocupa com lembranças, não tem tempo para isso. Dos jovens, a sociedade espera

produção (produção nas indústrias, nas minas de carvão, produção de conhecimento) e muitas vezes não se dá conta da violência implícita nesse processo. Dos velhos, não se espera muito para dizer o mínimo, deles, espera-se a lembrança. Mas quando não se valoriza essa função social, como acontece mais correntemente, há um esvaziamento e uma desvalorização dessa nova etapa da vida.

A opção em trabalhar com as memórias de Elza de Andrade, a fim de compreender o processo de construção de sua identidade docente, é uma tentativa de se contrapor a esta opressão em relação à memória dos velhos imposta pela sociedade capitalista, ou seja, é uma busca pela valorização dos velhos professores e professoras que têm a função de nos ensinar por meio de suas experiências.

### **3 .2 Infância e vida escolar de Elza de Andrade**

Elza de Andrade, nome de batismo, nasceu no dia 16 de agosto de 1948, na Rua da Palha, hoje Vila São José, no município de Içara/SC. Teve sua certidão de nascimento registrada no cartório Celso Salustiano Cabreira, em 18 de agosto de 1948. Seu batismo foi realizado no dia três de outubro do mesmo ano, na capela de Içara, já sua primeira comunhão aconteceu na capela de Santa Bárbara, na Mineração, bem como sua Crisma.

Começou a frequentar a escola com seis anos de idade. Apesar da pouca idade já sabia ler e escrever. Na escola gostava muito de desenhar, suas notas eram sempre muito boas, recebia elogios da professora pela ótima caligrafia e pela ordem dos materiais escolares - a nota dada, na época, pela professora era representada por estrelinhas. Mas, durante o curso primário, Elza passou por algumas dificuldades:

Durante o curso primário passei por três escolas em locais diferentes. Repeti a primeira série, não sei se pela idade ou por causa da matemática, e quando a professora me dizia algo que eu não aceitava, pedia a minha mãe para me trocar de escola. Estudei numa escola muito pequena com uma sala só, perto da minha casa (parece-me ter sido uma escola municipal). Quando passei para a Escola Estadual Professora Maria da Glória e Silva no Bairro Mineração, iniciei a primeira série, nesta escola fiz a



primeira e a segunda séries, quando passei para a terceira série mudei de escola, esta ficava bem distante da minha casa (ANDRADE, 2006, p. 23).

Elza, apesar de ser uma jovem alegre, divertida, que gostava de brincar com as colegas, visto que em seu livro ela comenta dos apelidos que dava às colegas em sala de aula, tinha uma personalidade muito forte e era decidida naquilo que almejava. A ex-religiosa descreve em seu livro a respeito da disciplina rígida vivenciada na escola e sobre isto ela comenta: “certa vez, não entendi bem uma das lições, a professora deu-me um tapa no rosto” (ANDRADE, 2006, p. 23).

Com esta fala é perceptível que Elza alcançou a esfera mais rígida da escola tradicional, na qual a relação professor e aluno era centrada no professor e na transmissão do conhecimento. Neste sentido reporto-me à fala de Aranha (1996, p. 158) “o mestre detém o saber e a autoridade, dirige o processo de aprendizagem e se apresenta, ainda, como um modelo a ser seguido”.

A autora fala ainda que o aluno deste modelo tradicional seria um sujeito passivo que recolhido à sua insignificância é um simples receptor da tradição cultural. Quanto a metodologia, ela diz que a aula expositiva é a mais valorizada, esta por sua vez, é centrada no professor, destacando-se em sala de aula situações nas quais o exercício de fixação é cultuado, bem como leituras repetitivas e cópias. A autora fala ainda acerca do currículo e dos horários rígidos, concentrados em um só bloco ao qual os alunos são submetidos, considerados, assim, um grupo homogêneo, não havendo qualquer preocupação com as diferenças individuais dos educandos.

Aranha (1996, p. 158) acrescenta ainda:

Todas essas características evidenciam a passividade empirista, que dá ênfase à assimilação, por parte do aluno, do conhecimento que lhe é externo e deve ser adquirido por meio de transmissão e sem a exigência de maiores elaborações pessoais [...] as provas assumem um papel central entre os instrumentos de avaliação, chegando a determinar o comportamento do aluno, sempre preocupado em ‘estudar o que será avaliado’, não em ‘estudar para saber’, simplesmente. Se de um lado o professor ‘dá a lição’, de outro o exercício ou a prova representam o momento de ‘restituição’, em que ele ‘toma a lição’.

Elza, apesar de ter estudado em escola rígida e tradicional em sua infância, buscou em sua trajetória como professora, trabalhar de forma mais amável

e desagregada de qualquer violência física para com os seus alunos. Ela demonstrou isto em sua entrevista (Entrevista citada):

Deixo como exemplo as três classes das quintas séries, sendo duas de quarenta e dois alunos e uma de trinta e oito alunos, eu observava um por um, a maioria proveniente de famílias bem de vida e alguns com dificuldade na aprendizagem, pela pobreza, timidez simplicidade, mas recebiam aplausos e valorização. No final de cada mês, ao entregar a prova de Português, eu dizia: meus queridos alunos, cada um de vocês é uma pessoa valiosa, sempre tem os que sabem mais e outros menos, mas, tenho certeza de que todos lutaram e deram o máximo. Abraçava um por um, dando os parabéns: continue se esforçando porque o importante é a boa vontade em aprender. Na atenção individualizada e exigência disciplinar, com imenso carinho fazia o possível, mas sempre um ou outro era reprovado pela constante dificuldade.

Elza teve uma infância de muitas brincadeiras, brincava de pular corda, no parquinho da escola, comenta que até gostava de frequentá-lo, porém não tinha muita opção de brinquedos e um dos seus passatempos preferidos era pescar nas horas vagas e sobre este aspecto ela relata: “na maioria dos feriados e domingos, eu pegava o caniço e a latinha com minhocas e ia para o açude, um rio que cortava nosso terreno”. (ANDRADE, 2006, p. 24).

As brincadeiras que as crianças faziam antigamente apresentam-se bem diferentes daquelas que costumamos observar nos dias de hoje. Quando eu estava na sexta fase do Curso de Pedagogia, uma das professoras pediu-nos que conversássemos com uma pessoa idosa, que nos falasse de suas brincadeiras na infância e depois relatássemos em sala de aula, e por conta disso conversei com o senhor Raimundo Nonato Ferreira, de 78 anos. Ele começou dizendo que antigamente, quando as crianças saíam para brincar, elas tinham brincadeiras mais saudáveis e que essas brincadeiras ainda ajudavam as crianças a pensar, ter raciocínio lógico para resolver as indicações das brincadeiras. Suas brincadeiras preferidas eram: esconde-esconde, pega-pega, cabra cega, bolinha de gude, peteca, jogo da velha, batata quente, queimada e soltar pipa.

Para ele, atualmente, as crianças têm como divertimento o vídeo-game ou o computador, assim sendo, elas ficam por horas e horas na frente destes equipamentos eletrônicos, o que, segundo ele, acaba prejudicando essas crianças, pois elas não têm tempo para sair e brincar com os amigos na rua, como ele fazia em sua infância. Em sua opinião, as brincadeiras da sua época estão sendo esquecidas e os tempos são outros, bem diferentes e bem mais “corrido”. Logo, as

peessoas ficaram sem tempo de conviver umas com as outras. Esse pensamento do Sr. Raimundo nos remete para o que Alves *et al* (2009, p. 47), aponta:

[...] o que era uma forma de sociabilidade perdeu espaço para a construção de outra: a da tecnologia, da comunicação e da informação. A modernidade industrial trouxe novas cidades, novos conhecimentos, nova cultura, novos aprendizados para todos, inclusive para as crianças. A sociedade vem mudando e as crianças estão cada vez mais imersas em tecnologias, games, internet, DVDs e computadores; vivem conectadas ao mundo dos adultos, esquecendo-se de brincar.

Talvez seja esse um dos nossos maiores desafios enquanto futuras profissionais que teremos na educação infantil o nosso maior campo de trabalho.

### **3.3 A vida familiar**

A ex-religiosa viveu sua infância e pré-adolescência com seus pais até os 11 anos de idade. Ela tem dezoito irmãos dos quais três já faleceram. Seu pai era operário da Carbonífera Barão do Rio Branco, empresa mineradora responsável pelas minas de carvão situadas no Distrito de Içara, no final dos anos 1950. Sua mãe era costureira e dona de casa. Assim ela descreve seu pai no livro que escreveu: “meu pai, um grande homem de muito trabalho, responsável, caprichoso, religioso e bastante exigente, trabalhava o dia todo na Companhia de Carvão como capataz” (ANDRADE, 2006, p.18). Sua mãe também é retratada com muito carinho, assim ela se manifesta: “mulher prudente, silenciosa, religiosa, respeitosa, caseira e admirada pelas vizinhas, devido a sua paciência e a sua calma admirável” (ANDRADE, 2006, p. 16).

A forma como a ex-religiosa descreve seus pais nos faz refletir sobre as atribuições femininas e masculinas, endereçando-nos para a discussão sobre as relações de gênero. A partir desta categoria de análise, sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, enquanto gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres oriundas de uma construção social dos papéis, tomando como referências as diferenças sexuais. Esta desigualdade é produto de profundos processos pedagógicos tendo como um dos

*lócus* o próprio lar. Como resultado da divisão sexual do trabalho, às mulheres, pelo fato da maternidade, é atribuído a totalidade do trabalho reprodutivo, ficando responsabilizadas em cuidar dos filhos, realizar o trabalho doméstico, ou seja, exercer a função de “donas de casa”. Aos homens, cabe o sustento da família, por isso, atuam no espaço público.

Diante disso reporto-me a Louro (2007, p. 96) que afirma:

Os discurso que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres – das mães, a esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças.

Maria Rosa Borges de Andrade, sua mãe, faleceu aos 45 anos de idade em decorrência de um derrame cerebral, nesta época sua família havia mudado para a localidade de Farol de Santa Marta, no município de Laguna. Ela deixou 15 filhos, sendo o menor de 3 anos e 11 meses. Após alguns anos, seu pai também veio a falecer, aos 75 anos, de morte natural.

A ex-religiosa retrata a convivência com os seus irmãos na pequena vila operária. Segundo ela, os irmãos cresciam juntos e não se recorda de brigas entre eles. Os irmãos mais velhos ajudavam o seu pai e as meninas à sua mãe. Diz, ainda, não ter lembranças de castigos recebidos de seus pais quando era criança, somente as peraltices da infância é que irritavam sua mãe.

Esta idéia de que meninos ajudavam o pai e meninas à mãe, implica refletirmos na condição das mulheres na sociedade, uma condição que foi se modificando com o passar do tempo, mas que continuou perpetuando a imagem da mulher como um ser frágil e incapaz, independente da época e da sociedade apresentada. Esta questão está intimamente ligada ao processo construído histórica, cultural e socialmente.

Neste sentido reporto-me a Sartori e Britto (2004, p. 16) que acrescentam:

A divisão das funções atribuídas a homens e a mulheres tem raízes históricas profundas. Os grandes pensadores falam de períodos históricos que foram fundamentais para o desenvolvimento do jeito como se constituiu o aprendizado do que é transformar-se em um ser humano, seja homem, seja mulher. Por isso, quando falamos do modo como tem sido a história dessa constituição do que é ser homem e ser mulher, é necessário ter presente que isso está ligado a determinados contextos, a determinadas épocas, e que não se dá de igual modo em todos os tempos.

Para os autores, estabelecer um conceito de como se deu a condição social da mulher, é preciso considerar as particularidades de cada povo e de cada cultura, considerando ainda que os contextos em que as idéias, a imaginação e a visão de mundo são construídas, variam de acordo com as relações econômicas, políticas, religiosas e culturais estabelecidas para cada sociedade. Além disso, eles falam ainda que é preciso lembrar as particularidades de cada cultura.

Para eles, na sociedade atual, apesar das muitas mudanças que vem acontecendo em relação a condição da mulher, assumindo muitas funções que outrora foram exclusivas dos homens, porém podemos ainda encontrar muitas formas de dominação nas famílias.

Este tratamento dado às mulheres, que exclui a possibilidade de igualdade e reciprocidade entre os sexos, segundo os autores, é reproduzido, ou seja, as famílias acabam agregando esses valores aos filhos homens e às filhas mulheres, portanto, esta organização na visão deles

Funciona como modelo, em que o pai é o chefe, e a mulher é a educadora e a guardiã da honra do marido e da educação dos filhos. Essa família se fortaleceu durante a era da Revolução Industrial, quando houve uma separação nítida entre o público e o privado, e quando a casa ficou configurada como o lugar das mulheres, embora muitas mulheres pobres estivessem também nas fábricas. E mesmo hoje, se dentro de um modelo patriarcal, trabalham muito dentro e fora de casa para manter e sustentar a vida (SARTORI; BRITTO, 2004, p. 23).

Atualmente, muitas mulheres que se libertaram das inúmeras normas tradicionais que lhe eram impostas, conseguiram conquistar, mais que sua liberdade, conseguiram sua independência, no entanto, isso não é uma regra geral. Já o homem, que tinha um papel de provedor da casa, hoje é questionado, sentindo-se até mal por causa disso. É fato que existem hoje muitas situações nas quais a mulher ocupa lugares privilegiados em nossa sociedade.

### **3.4 A opção pela vida religiosa**

No ano de 1959, Elza estava cursando o 4º ano primário, quando foi surpreendida com a notícia, dada por sua professora, de que iriam chegar três religiosas italianas na comunidade.

As referidas religiosas pertencentes à Congregação Filhas do Divino Zelo, após terem permanecido alguns meses no Rio de Janeiro preparando-se para começar algumas atividades assistenciais, seguiram para o Sul de Santa Catarina, mais precisamente, para o bairro Mineração de Içara.

Todos os alunos da escola foram convidados para receberem as religiosas. Sobre este acontecimento ela relata em uma carta:

Quando cursava a 4ª série do Ensino Fundamental [na Escola Maria da Glória e Silva, localizada na Vila Operária da Mineração], a turma recebeu a notícia de que, no mês de maio, algumas irmãs deveriam chegar, para trabalharem com as famílias. Eu tinha apenas dez anos de idade e minha turma foi convidada para receber as irmãs no dia memorável, 22 de maio de 1959. Juntamente com a professora Dona Izabel, seguimos até em frente da capela “Santa Bárbara”, padroeira da Mineração, e lá encontramos um grande número de pessoas que as esperavam. Formamos um grande corredor, da frente da capela até a entrada da casa, onde as irmãs iriam morar. Do lado da casa havia um grande salão onde elas iriam trabalhar com as famílias. Tanto a casa como o salão foram construídos pelo SESI (Serviço Social da Indústria). Lá pelas 11:00h mais ou menos, elas chegaram. Eram três irmãs italianas: Irmã M. Benvenuta Insana, Irmã M. Donatina Ferretti e Irmã M. Elena Gallippi, que após permanecerem alguns meses no Rio de Janeiro, para aprender um pouquinho da Língua Portuguesa, entraram pelo corredor formado de pessoas e com aplausos e pétalas de rosas, foram recebidas com muito carinho; sorrindo e abanando as mãos entraram na casa que as esperava<sup>4</sup>.

Sobre o local de moradia e de trabalho das religiosas, Elza confirma em seu livro que “o SESI – Serviço Social da Indústria – já havia construído uma casa de família para acolhê-las e um grande salão para atividades manuais com as jovens” (ANDRADE, 2006, p. 25).

Foi o primeiro contato que Elza teve com as religiosas da Congregação Filhas do Divino Zelo. No entanto, sua relação com a Congregação não se resumiu a este único momento, posteriormente, ela começou a frequentar um dos cursos oferecidos pelas freiras às esposas e filhas dos operários residentes na vila operária do bairro Mineração de Içara.

---

<sup>4</sup> Trecho da carta enviada por meio de mensagem eletrônica pela Ir. Elza de Andrade, no dia 30 de outubro de 2005, às 16h e 24min.

As Irmãs vindas da Itália chegaram no dia 22 de maio de 1959. Após um curto período de adaptação, logo iniciaram as atividades de corte e costura, bordado, tricô e crochê. Recebemos a comunicação na escola, e lembro-me que quando cheguei em casa, dei o recado para a mãe e disse que gostaria de aprender a bordar; a mãe logo concordou e fomos em três, eu e minhas duas irmãs, escolhi fazer o curso de bordado e tricô (ANDRADE, 2006, p. 26).

A presença das Filhas do Divino Zelo na Vila Operária da Mineração e a estrutura existente no local são discutidas por Rabelo (2007), quando afirma que na referida vila operária havia um posto de abastecimento de gêneros alimentícios de primeira necessidade e um Jardim de Infância, ambos mantidos pelo SESI. MINERASIL era na época a empresa responsável pelas jazidas de minério localizadas em Urussanga, mas no Distrito de Içara, assumiu outra razão social passou a se chamar Carbonífera Barão do Rio Branco. Com a finalidade de abrigar seus operários, construiu a vila mencionada, que “contou com a ajuda do trabalho das Filhas do Divino Zelo” (RABELO, 2007, p. 96).



**Ilustração 5:** Freiras jogando balas para as crianças do Jardim de Infância da Mineração de Içara (1970)

**Fonte:** Arquivo pessoal de Giani Rabelo

Elza, assim como as outras filhas de operários que frequentavam os cursos, foi convidada a ingressar na vida religiosa. Ela ficou muito interessada e após alguns meses resolveu conversar com seus pais para que autorizassem o seu

ingresso na Congregação Filhas do Divino Zelo na época ela tinha apenas 11 anos de idade. Em seu livro ela assim descreve essa passagem:

Após alguns meses falei com a mãe e a resposta imediata era: vai falar com o teu pai; quando ia falar com o pai, ele logo me respondia, peça a tua mãe. E fiquei naquele empurra-empurra por pouco tempo, pois no mês de dezembro, do mesmo ano, 1959, já em pleno acordo com meus pais, com as Irmãs e a minha decisão, tudo ficou combinado. Entrei na Comunidade Religiosa das Irmãs Filhas do Divino Zelo, no dia 22 de dezembro de 1959 no mesmo ano em que as Irmãs chegaram à Mineração. Eu era a terceira candidata, naquela pequena casa que apenas iniciava a implantar o Carisma do ROGATE<sup>5</sup>, nas terras catarinenses (ANDRADE, 2006, p. 27).

Os primeiros dias na Congregação foram carregados de saudades do ambiente familiar, sentia saudades dos pais e dos irmãos, chorava muito e por conta da pouca idade não revelava às irmãs o que estava sentindo. Na verdade queria voltar para sua casa, mas toda essa saudade acabou passando, pois havia outras jovens que a consolavam, além de se divertirem com as brincadeiras que inventavam na Casa Assistencial.



**Ilustração 6:** Casa Assistencial da Mineração de Içara (1959)

**Fonte:** Álbum de fotografias das Filhas do Divino Zelo

<sup>5</sup> ROGATE – é uma palavra que vem do latim e quer dizer: rezar, orar, pedir ao senhor para mandar pessoas dispostas a segui-lo, a fim de trabalharem com o povo de DEUS e ensiná-lo a rezar, a amar a DEUS e a fazer o bem para todos. A palavra ROGATE, está expressa nos evangelhos de Mateus e de Lucas, (Mt 9, 36-38 e Lc 10, 2).



Com o passar do tempo o número de jovens à procura da vida religiosa foi crescendo e o ambiente físico da casa foi se tornando pequeno, no entanto, a Congregação já vislumbrava a possibilidade de construir uma casa bem maior, esta casa se localizaria, futuramente, ao lado do Colégio Cristo Rei.

Cabe ainda ressaltar que as religiosas, ao se instalarem na Casa Assistencial da Vila Operária de Içara, tinham por hábito escrever em um diário o qual elas denominaram de Crônica da Casa Assistencial. Tudo o que acontecia diariamente era relatado nesta Crônica, inclusive quando entravam ou eram dispensadas as chamadas “apostolinas”, as jovens ingressantes na Congregação. Na Crônica está registrado que no “dia 11 de dezembro de 1959, entra a segunda apostolina, Elza de Andrade” (CRÔNICA, 1959, p.8).

Após seu ingresso na Congregação, Elza passou a se chamar Irmã Maria Ângela de Andrade. Ao ingressarem na comunidade religiosa, as jovens passavam por algumas etapas antes de se tornarem freiras de fato, a jovem interessada em seguir a vida religiosa ao ingressar na Congregação, segundo consta na Crônica da Casa Assistencial da Mineração, eram denominadas de apostolinas. Nesta etapa as jovens começavam a estudar e conhecer o trabalho da Congregação, se fossem aprovadas nos exames de admissão, as apostolinas eram promovidas para a próxima etapa que era a de postulante, conforme este trecho da Crônica (1959, p. 15) “Dia 9 e 10, as apostolinas fazem os exames de admissão e são todas promovidas”.

Quando se torna noviça, a jovem faz votos temporários e continua estudando a possibilidade de permanecer na Congregação. Consta na Crônica que algumas jovens foram expulsas por má conduta e outras ainda foram dispensadas por demonstrarem falta de vocação para a vida religiosa, antes mesmo de serem promovidas. Apenas depois destas etapas é que os votos se tornam perpétuos (CRÔNICA...1959).

No próximo capítulo me proponho a problematizar e compreender o entrecruzamento entre vida religiosa e docência, uma das questões mais instigantes na experiência de Elza de Andrade.

## **4 VIDA RELIGIOSA E DOCÊNCIA**

Compreender o processo de escolha da ex-religiosa em relação ao magistério e sua formação implica em problematizar e compreender o processo de feminização da vida religiosa e do magistério, bem como o entrecruzamento dessas duas instâncias na vida de Elza.

### **4.1. Feminização da vida religiosa e do magistério**

Sobre a vida religiosa, é preciso compreender que o lugar das mulheres na instituição eclesial católica não é o mesmo ocupado pelos homens. Ser uma religiosa não significa a mesma coisa que ser um religioso, ou melhor, a vida religiosa para homens e mulheres é concebida de forma diferente e tratada de forma desigual, pela Igreja Católica.

Desde os tempos coloniais até épocas bem recentes, é perpetuada a idéia, nem sempre muito visível, de que as mulheres e os homens têm apegos diferenciados em relação à religião, porque a sociedade e as igrejas vêem ambos de forma diferente e esperam comportamentos distintos.

É importante ressaltar que quando se trata de religiosos está se referindo a homens, com práticas de piedade e experiências de vida bem diferentes das mulheres religiosas, basta saber que só homens elaboravam o saber teológico e orientavam a vida espiritual das mulheres, até nos dias atuais somente os homens assentam nas assembléias em Roma, sede do governo de decisões relacionadas ao catolicismo, porém, as religiosas não podem ser vistas apenas como seguidoras das práticas determinadas por eles. Tampouco se constituem grupos unidos, respondendo de forma única às induções eclesiais. As reações das congregações e das religiosas foram variadas no decorrer do tempo e demonstram o envolvimento dos sujeitos, implicando no jogo das relações sociais (PRIORE, 1997).

A Igreja, por sua vez, tentou ajustar suas convicções à sociedade, impondo seus preceitos, buscando ainda uma conformidade. A história da vida

religiosa feminina no Brasil é marcada por submissão, transgressões, passividade e criatividade (PRIORE, 1997).

Assim como a vida religiosa, o magistério enquanto categoria social, sofreu um processo intenso de feminização. Destaca-se ainda que a docência era exercida por homens, mas, à medida que o sistema de ensino se expandiu e com o desenvolvimento do capitalismo, passou a ser exercida fundamentalmente por mulheres.

Para Louro (1997, p. 95), “no Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes”.

A mulher está associada à professora não somente na sala de aula, mas, sobretudo na sociedade, elas são compreendidas como mães dos alunos/as, sempre lhes agregando também as marcas religiosas, ligadas ao caráter de um ser dócil que ama, que protege, são preceitos que estão intimamente ligados à profissão docente (LOURO, 1997).

Para compreendermos melhor porque o magistério passa a ser uma das atividades centrais exercidas pelas religiosas é preciso entender a história da constituição e desenvolvimento da maneira como as mulheres viveram e vivem a vida religiosa, bem como, a feminização do magistério, ou seja, as raízes históricas da atividade docente – vista como vocação e sacerdócio.

Segundo Kreutz (1985, p. 13):

[...] a concepção do magistério como vocação foi reafirmada mais incisivamente por motivos políticos, a partir de 1848, quando se articulou, na Europa, especialmente na Alemanha, uma reação contra o avanço do ideário liberal. As forças conservadoras, identificando a Revolução Francesa e o liberalismo como origem e causa de todos os males, formaram uma frente político-religiosa, o Movimento de Restauração, e lutavam pela volta aos “bons tempos” da Idade Média com uma sociedade “harmônica e justa”. Nesse projeto, uma figura vital foi a do professor, que se doava sacerdotalmente à missão de debelar as investidas do “liberalismo satânico”.

De acordo com Kreutz (1985) a concepção do magistério como vocação/sacerdócio pode ser entendida e buscada no século XVI, quando se abriram escolas elementares para as camadas populares. Esta abertura visava fundamentalmente à

leitura dos textos religiosos e com isso, à manutenção da influência que a igreja exercia sobre os intelectuais e sobre a grande massa da população.

Portanto, a escolha de Elza pela vida religiosa e pelo magistério, não ficou isenta do processo de feminização que atravessou estes dois espaços ocupados pelas mulheres. Associado a isto está a ideia de que o magistério, sempre foi visto como vocação ou sacerdócio, ou seja, trazendo consigo uma forte marca da Igreja Católica.

Sobre a experiência de Elza como professora, ela relata que “o amor era algo muito importante e que procurava acolher e amar, ensinar a verdade ética para todos” (ANDRADE, 2006, p. 26). Diante desta afirmação, de um lado pode-se perceber a ideia de magistério como extensão do lar, pois “acolher e amar” sempre esteve presente na história da docência feminina, ou seja, o magistério sendo visto como um prolongamento da maternidade. De outro, aparecem as marcas da Igreja Católica na docência, ou seja, “ensinar a verdade ética para todos”.



**Ilustração 7:** Ir. Elza de Andrade com seus alunos

**Fonte:** Álbum de fotografias das Filhas do Divino Zelo (década de 70)

Louro (2007) aponta que o processo de feminização do magistério incorporou em seu contexto atributos que são, por tradição, associados às mulheres,

como o amor, a sensibilidade, o cuidado para que o magistério pudesse ser conhecido e reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente para as mulheres. A autora cita Cécile Dauphin (1993 apud LOURO, 1997, p. 97) que aponta: “Os ofícios novos abertos às mulheres neste fim de século levaram a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício”.

As mulheres, a partir do momento que foram convocadas a cumprir uma missão nobre, passaram a ser percebidas como reprodutoras de valores que viessem a beneficiar a sociedade.

Quando uma mulher decidia-se pela profissão docente, ao invés de ser uma dona de casa, era chamada de tia ou era vista como uma mulher “solteirona”, que por algum motivo não conseguia casar-se, enfim, mulheres estereotipadas como figuras tristes e mal amadas. Para Louro (1997, p. 104), “as moças que ‘ficavam’ solteiras podiam se sentir convocadas para o magistério; elas eram, de algum modo, chamadas para exercer a docência”.

#### **4.2 Elza de Andrade religiosa e professora: guardiã de si e dos outros**

Para compreender melhor a formação de Elza para a docência, bem como a sua trajetória como religiosa, consultei alguns documentos guardados e cedidos por ela, como: O Diploma do Curso Normal Regional, concluído em 1972; Diploma de Professora de 1º grau (1973); Certificado de Registro de Professor (1973); Diploma de Licenciatura em Letras (FUCRI) (1980); Diploma do Curso em Teologia Espiritual, realizado em Roma/Itália (1990); Diploma do Curso em Biblioteconomia (1996), realizado no Vaticano; assim como as carteiras de professora que ela guarda com muito cuidado e carinho. De acordo com Rabelo (2007, p. 58) “com esta prática, ela faz o papel de guardiã de sua história”.

Neste sentido, recorro a Mignot (1997) que apresentou e discutiu o arquivo de uma professora, diretora da Escola Regional de Miriti, criada em 1921, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, fundadora da Associação Brasileira de Educação – ABE, que assinou o documento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, prisioneira política em 1936-1937. A autora busca respostas para a

intenção de Armanda Álvaro Alberto em guardar “fotos, álbuns de recortes de jornais, relatórios escolares, cadernetas de anotações, cartas, bilhetinhos, textos inéditos, livro, livros de ouro e livros-caixa que compõem seu arquivo” (MIGNOT, 1997, p.123).

A primeira hipótese da guarda destes objetos, observados pela autora, sugere a intenção de Armanda de narrar a própria história de vida, através de uma escrita que remete a um amor a si mesma: “Armanda ao colecionar pedaços de velhos papéis, reconstruiu sua vida lançando um olhar sobre si mesma, fazendo um balanço do passado” (MALUF, 1996 apud MIGNOT, 1997).

Como Armanda, Elza também guardou sua vida em papéis, ela tentou elaborar o sentido da vida, ao escrever sua autobiografia, ela vai reconstruindo sua trajetória, registrando vivências na vila operária e no meio familiar, relembando as práticas cotidianas e lançando um olhar sobre si mesma. É através de seus velhos papéis que ela poderá fazer um balanço do seu passado.

Neste sentido Mignot (1997, p. 124) acrescenta:

Arquivos pessoais seriam assim extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição triagem. Arquivar é guardar, é também esconder. O que Armanda desejava preservar? O que gostaria de manter em segredo? Folhear o arquivo dela procurando compreender a singularidade de seu itinerário pessoal e profissional permitiu refletir sobre as práticas de memória feminina e as práticas de memória docente.

Na condição de uma professora autobiógrafa, Elza escreve aquilo que pretendia imortalizar. Em seus escritos, ela privilegia sua vida profissional, sua família, seus alunos, refletindo sobre seu fazer enquanto docente. Elza projetou seus sonhos, anotou dificuldades, eternizou sua imagem, “arquivar a própria vida obedece a um projeto autobiográfico, aos poucos o indivíduo acumula papéis e existe através deles” (MIGNOT, 1997, p. 126).

Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo [...], pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e a morte. O arquivo é assim, um dispositivo de resistência que permite ao indivíduo tomar distância de si mesmo e testemunhar (ARTIÉRES apud MIGNOT, 1997, p. 127).

Na atualidade as pessoas têm tido o hábito de guardar suas lembranças nas máquinas, sejam fotos, filmes, vídeos, fitas gravadas. Eles sem dúvida registram momentos significativos de nossas vidas, no entanto, existe uma capacidade que por natureza é inseparável do ser humano, que independe de sua vontade que é a de lembrar. Para Kenski (1995, p.155) “lembrar é uma questão de sobrevivência, viver é lembrar, em um processo cumulativo, aprendemos permanentemente nas ações cotidianas de nossas vidas, aprendemos, lembramos e aplicamos o aprendido”.

Ao torna-se “guardiã” de sua história Elza também contribui para a evocação da memória dos sujeitos que passaram pela sua vida, fazendo parte de suas experiências, tanto na condição de alunos e alunas como colegas da comunidade religiosa ou familiares.

No ano de 1960, Elza preparava-se para cursar a 5ª série ginásial e paralelamente já trabalhava como auxiliar de professora, no jardim de infância que havia sido criado na Casa Assistencial de Mineração de Içara, onde ela morava. Sobre isso ela comenta em sua entrevista:

Na Casa Assistencial da mineração de Içara, ou seja, na casa das irmãs foi onde fiquei durante o período de juvenista, me lembro que preparava-me para cursar a 5ª série ginásial, e ao mesmo tempo, minhas colegas e eu, dávamos uma mão no jardim de Infância [...] nós juvenistas frequentávamos o Curso Ginásial Normal, no Grupo Escolar “Antonio João”, no centro de Içara da 5ª até a metade da 8ª série. Depois fui transferida para o Colégio Santo Antonio de Três Rios, estado do Rio de Janeiro, primeira comunidade religiosa do Brasil, fundada em 1951 e lá conclui a 8ª série no nosso Colégio “Santo Antônio”<sup>6</sup>.

No mês de fevereiro de 1965, ela iniciou o Noviciado em Içara terminando-o em Valença – RJ. No mesmo mês do ano de 1967, mas em função do falecimento de sua mãe, a ex-religiosa teve que voltar para Içara, dedicando-se à docência com crianças do jardim de Infância, desta vez no Colégio Cristo Rei. Posteriormente ali Elza assumiu a turma do primário.

#### **4. 3 A experiência no magistério**

---

<sup>6</sup> Elza de Andrade. Entrevista concedida a Edinalva Leal Ferreira, realizada no dia 14/03/2009.

Indagada sobre a sua prática docente no primário ela afirma que se baseava em alguns teóricos, porém tinha que seguir as orientações dos livros didáticos indicados pela escola, “principalmente no ensino primário não se podia ultrapassar o conteúdo, porém, o como ensinar dependia de cada professora.”<sup>7</sup>

Em relação à sua prática docente Elza tece uma análise crítica, remetendo aos dias de hoje. Segundo ela, os professores não tinham nenhuma liberdade para ensinar, pois o conteúdo a ser trabalhado com os alunos já vinha pronto, o professor, por sua vez, fazia somente o papel de transmissor daquele conteúdo.



**Ilustração 8:** Elza de Andrade e Edinalva dia em que eu a entrevistei

**Data da entrevista:** 14 de março de 2009.

Elza se reporta a um período que em nosso país foi demarcado pela Ditadura Militar e pela chamada educação tecnicista. A proposta de inspiração tecnicista, segundo Aranha (1996), surge a partir da década de 1960, um modelo que se baseava na convicção de que a escola só se tornaria eficaz se adotasse o

---

<sup>7</sup> Elza de Andrade. Entrevista citada.



modelo empresarial, ou seja, na escola seria aplicado um modelo que seria mais racional, mais eficiente, típico do sistema de produção capitalista.

Para Aranha (1996, p. 175) “a principal consequência de sua implantação foi a separação entre o setor de planejamento e o de execução do trabalho”. Segundo a autora esta tendência teve origem nos Estados Unidos. No Brasil, ela surgiu após o golpe de 64, no qual se instaurou no País a Ditadura Militar. Inicialmente no Brasil foram realizados projetos sigilosos que foram tornados públicos somente em 1966: eram os acordos entre o Ministério da Educação e Cultura e a Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional (MEC-USAID).

Através destes acordos é que nosso país passou a receber ajuda financeira oriunda dos Estados Unidos [...] “o Brasil passou, então a receber assistência técnica e cooperação financeira que resultaram nas Leis 5.540/68 (ensino universitário) e 5.692/71 (ensino de 1º e 2º grau)” (ARANHA, 1996, p. 177).

Ainda segundo a autora, o objetivo de uma escola estruturada, seguindo um modelo empresarial, era o de adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica em ascensão, o que justificava a preparação de uma mão de obra qualificada para a indústria. O conteúdo que era transmitido baseava-se em informações objetivas que adequassem a adaptação do indivíduo ao trabalho.

Neste sentido, Aranha (1996, p. 175) acrescenta:

O método usado para a transmissão dos conhecimentos é o taylorista, que supõe a divisão de tarefas entre os diversos técnicos de ensino que estão incumbidos do planejamento racional do trabalho educacional, cabendo ao professor execução em sala de aula daquilo que foi projetado fora dela. A definição dos objetivos facilitaria, posteriormente, a avaliação dos trabalhos dos alunos, baseada na verificação passo a passo do cumprimento ou não dos objetivos propostos, com o devido destaque para os critérios mensuráveis da avaliação “objetiva”.

Analisando sob esta ótica, o professor era um técnico que, auxiliado por outros técnicos e com suporte de recursos técnicos, transmitia um conhecimento técnico e objetivo, ou seja, a relação entre professor e aluno como já prevista era de distanciamento, tanto no que tange a questão afetiva, como a não abertura para debates e discussões. Excluía-se os elementos fundamentais que norteiam a relação professor/ aluno, ou seja, o diálogo, os debates que enriquecem as aulas e tornam professor e aluno mais próximos.

Outra consequência da implantação do tecnicismo no Brasil, segundo Aranha (1996), foi a burocratização do ensino. Os professores foram afogados em papéis nos quais os profissionais deviam detalhar os objetivos de cada passo do programa, assim, o professor teve suas funções inferiorizadas e se “tornou simples executor de ordens vindas do setor de planejamento, a cargo de técnicos em educação que, por sua vez, não pisavam em sala de aula” (ARANHA, 1996, p. 177).

Elza fez parte deste modelo educacional no qual o professor era um mero reproduzidor do conhecimento. Sua atuação como docente perpassou esta fase e sua experiência deve ser levada em consideração não somente para entendermos como estes profissionais lidavam com este modelo, mas, sobretudo para mudarmos o nosso olhar em relação a nossos alunos, para analisarmos nossa prática enquanto docentes.

Em 1968, Elza dirigiu-se a Florianópolis onde realizou um curso para atuar como secretária escolar, habilitando-se para esta função. A partir daí ela assumiu a Secretaria do Colégio Cristo Rei, ficando neste cargo até o ano de 1971, quando iniciou o Curso Magistério no Colégio São Bento, em Criciúma.

Em 1972, Elza foi transferida para Valença-RJ, local onde pode concluir o Curso Magistério.

Sobre isso ela conta em sua entrevista:

Após o término do Curso Normal em Valença – Rio de Janeiro, no ano seguinte, 1973, fui transferida para São Cristóvão, também no Rio de Janeiro, e iniciei o curso “Pré - Primeiro Grau”, no Colégio Maria Raythe das Irmãs Franciscanas Nossa Senhora do Amparo, recebendo o diploma em dezembro de 1973. Exerci minhas atividades na nossa “Escola Madre Nazarena”, como professora de alfabetização, no decorrer de três anos. No ano de 1974, foi inaugurada a nova Escola “Madre Nazarena”, em São Cristóvão -RJ. Fui transferida para lá e juntamente com a senhora Celina Viscardi (Nivanda) freqüentei por um ano o Curso Pré-Escolar, no Colégio Maria Rayth e dava aula para a classe de alfabetização na nova escola<sup>8</sup>.

Cursar a faculdade de Letras na FUCRI foi mais um dos grandes desafios em sua vida. Ela iniciou o curso no ano de 1977, momento em que retornou para o Colégio Cristo Rei de Içara. Neste período ela estudava de manhã e lecionava à tarde para a 2ª série, no referido Colégio.

Nesta mesma época, foi aberto o curso noturno de Contabilidade para jovens, ficando a cargo dela as aulas de religião e a Secretaria do colégio. A ex-

---

<sup>8</sup> Elza de Andrade. Entrevista citada.

religiosa comenta em sua entrevista que foi um período muito difícil, no que tange a conciliação entre trabalho e estudo, pois na época foram delegadas a ela várias funções. Logo, ela tinha que trabalhar o dia todo e estudar à noite, assim, o tempo para os estudos ficou muito reduzido, sobre isto ela comenta:

Nesse período foi aberto o curso noturno de Contabilidade para jovens do município de Içara. Assumi a secretaria e as aulas de Educação religiosa para as três turmas. O tempo para estudo era reduzido e sentia-me prejudicada nos dias de prova, por isso outra irmã assumiu a secretaria do Colégio (ANDRADE, 2006, p. 7).

Elza concluiu o Curso de Letras na FUCRI no ano de 1980, e logo foi novamente transferida, desta vez para Três Rios-RJ.

Em 1981, fui transferida para Três Rios – RJ, como responsável pela disciplina do colégio Santo Antônio com aproximadamente novecentos (900) alunos. Retornei à Itália para fazer parte do grupo orientador das irmãs jovens provenientes de várias nacionalidades. Na própria casa Geral das Filhas do Divino Zelo, foi preparado um setor como “Centro de Estudos” para acolher e orientar as jovens irmãs da Congregação F.D.Z. Antes que elas chegassem, o grupo participou de cursos no “*Antonianum*”, centro de Roma. No ano de 1995 – 1996, fiz o curso de Biblioteconomia na “Escola Apostólica Vaticana”, no Vaticano<sup>9</sup>.

Cabe ressaltar, ainda, que Elza foi diretora do Colégio Cristo Rei durante três anos, cumprindo sua gestão de 1982 até o ano de 1985. Após findados os três anos de gestão no referido Colégio Elza, como Professora de Português e Ensino Religioso, foi transferida para Três Rios, onde assumiu as três quintas séries do ensino fundamental no Colégio Santo Antonio. Lá ela permaneceu por quatro anos. Em agosto 1989 ela recebeu um convite para ir à Itália, esta então seria sua primeira viagem ao exterior. Na Itália, ela ficou somente um ano e em setembro 1990 retornou ao Brasil.

Sua chegada ao Brasil em 1990 foi tumultuada em decorrência da saúde de seu pai, que acabou falecendo três dias após a sua chegada. Passado as condolências feitas ao seu pai, Elza foi remanejada por três anos para Brasília. Ficando ali até 1993, ela foi, no ano seguinte, morar em Jacarepaguá/ RJ e lá permaneceu por poucos meses, pois em junho do mesmo ano foi para Laguna/ SC, ficar com sua família. Na ocasião, seu irmão havia falecido. Ainda em 1994, no mês

---

<sup>9</sup> Elza de Andrade. Entrevista citada.

de agosto, Elza recebeu a notícia de sua transferência para Roma/ Itália, lugar em que ficou de outubro de 1994 a maio de 1998, quando então retornou ao Brasil.

Chegando ao Brasil Elza foi para São Paulo, na abertura de uma nova Casa da Congregação das Filhas do Divino Zelo. Nesta Casa ela permaneceu por apenas um ano, pois em setembro de 1999, retornou a Itália, onde ficou até o ano de 2003.



**Ilustração 9:** Carteira que autorizava exercer o cargo de Diretora.

**Fonte:** Arquivo pessoal de Elza de Andrade

No ano de 2003 Elza retornou ao Brasil. A partir de sua última transferência ocorrida para a Itália, ela permaneceu quatro anos fora do País. Nesta época ela foi morar em Jacarepaguá/ RJ na Casa da Província “Nossa Senhora do Rogate”, onde permaneceu por dois anos (2004/ 2005). Enquanto esteve na Casa Provincial, ela voltou a estudar matriculando-se no Instituto de Filosofia e Teologia do Mosteiro de São Bento, fez, ainda, uma Pós-Graduação em Língua Portuguesa (2005) nas Faculdades Integradas Simonsen, uma vez que sentia necessidade de atualização da língua, até pelo fato de ter ficado um longo período fora do país.

No final do ano de 2005, Elza ficou sabendo que seria transferida novamente para Içara/SC. Na sua entrevista ela relata como foi sua experiência no retorno para a antiga casa, o Colégio Cristo Rei. Neste momento, Elza assumiu o cargo de Bibliotecária no Colégio, assim ela comenta:

Quando retornei estava tudo muito mudado. Alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, entravam gritando, correndo, comendo lanche, bebendo refrigerantes, mexiam nos livros e faziam o que bem entendiam. Eu procurava acalmá-los para poder conversar e não havia meios; para eles era normal tal comportamento. Alguns alunos respondiam com agressividade, dizendo que estavam acostumados assim. Encontrei livros de coleções com folhas retiradas, cortadas, rasgadas e me perguntava: qual o objetivo de ter uma pessoa responsável na biblioteca se os alunos fazem dela o que querem? Procurei dar várias orientações sobre biblioteca, aos pequenos grupos que chegavam ali no ambiente, alguns alunos muito educados, me ouviam e admiravam as colocações sobre o valor da pesquisa, da leitura, do silêncio e da reflexão. Outros saíam dali revoltados, xingando e através do olhar, eu percebia a raiva que manifestavam. Trabalhei nesse ambiente, somente por quatro meses, e percebi a imensa defasagem na Educação. Diante dessa situação percebi que seria melhor (para mim) deixar tal ambiente e descansar na ausência de barulhos. Hoje, já aposentada, fora da Comunidade religiosa, estou num local mais tranquilo. Nunca imaginei passar por tal situação, quando desde meus onze anos, dediquei-me com imenso carinho à querida Congregação das “Filhas do Divino Zelo”, continuo amando-a, porém, fora das atividades educacionais<sup>10</sup>.

Elza durante o período que atuou como professora no Colégio Cristo Rei foi também secretária e diretora, mas no seu retorno da Itália volta como bibliotecária numa realidade completamente diferente daquela que tinha vivenciado. O poder do professor, sacralizado pela escola tradicional e a passividade do aluno almejada pela educação tecnicista já não estavam mais presentes, pois, a realidade havia mudado muito e a relação professor aluno havia sofrido grandes transformações. Este novo contexto foi tão chocante para Elza que acabou impulsionando-a para fora da educação, preferindo ela, aos 58 anos de idade, descansar fora da Congregação, sem deixar, contudo, de admirar a sua comunidade religiosa. No entanto, fica evidente em suas palavras certo desencanto em relação à escola, ao seu trabalho no campo da educação.

Toda trajetória de Elza nos faz pensar sobre a identidade docente e como esta vai sendo construída. As reflexões de Derouet (1988 apud ABRAHÃO, 2001, p.15) nos ajudam a refletir sobre isso:

---

<sup>10</sup> Elza de Andrade Entrevista citada

A identidade profissional de professores é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho docente concreto.

A construção da identidade docente de Elza perpassou, de forma contínua e descontínua, sucessivas fases, nas quais sempre buscou aprimorar seus conhecimentos. Como religiosa teve que se submeter às decisões da Congregação, parecendo não ter vida própria, no entanto, mesmo nestas condições, de idas e vindas, foi persistente no seu processo de formação.

Ao ingressar na Congregação Filhas do Divino Zelo, aos onze anos de idade – uma criança ainda - Elza deu seus primeiros passos em direção a construção de sua identidade docente, pois além de dar prosseguimento aos estudos já, paralelamente, ajudava as Irmãs no jardim de infância. Sua identidade docente foi se constituindo de forma entrecruzada com as exigências de formação e atuação da vida religiosa. Portanto, ser professora, educadora, profissional da educação foi algo que se constituiu indissociavelmente da sua vida como religiosa, mas também da sua vida pessoal.

## 5 CONCLUSÃO

Perceber a riqueza da escrita autobiográfica é entender onde o indivíduo elabora o sentido da vida, onde registra suas vivências é um celeiro onde cada um pode registrar o seu arquivo pessoal e reconstruir sua própria vida.

Durante a entrevista Elza falou sobre o quanto foi importante a escrita de seu livro, pois ali ela pôde guardar a história de sua vida e de sua família, registros que ficarão guardados para sempre. Teceu também relação com os documentos textuais e iconográficos, guardados por ela e pelo Colégio Cristo Rei, os quais se tornaram evocadores de sua memória, ajudando-a a lembrar de suas várias passagens por educandários fora da cidade de Içara e do País, dos vários cursos que realizou, das pessoas com as quais ela conviveu, dos seus “queridos alunos”, como ela cita na entrevista.

As lembranças evocadas por Elza fizeram-me reportar a Bosi (2003, p.52) que destaca “a lembrança pura traz à tona da consciência, um momento único, singular irreversível da vida”.

Com o cruzamento das fontes, ou seja, livro, entrevista, documentos textuais e iconográficos, busquei aqui, neste estudo, compreender o processo de formação de uma professora religiosa, bem como compreender como ela foi construindo sua identidade docente.

Felizmente, para encontrar Elza - sujeito que ocupou lugar de centralidade neste estudo-, iniciei minha pesquisa pelos arquivos da Escola Confessional - o Colégio Cristo Rei -, local onde tive todo o suporte necessário para procurar em seus arquivos não só a história do educandário, mas dos seus diferentes personagens. Ao me aproximar dos documentos do Colégio, pude entender o processo de criação do mesmo, o intuito de sua fundação, assim como sua importância para a comunidade Içarense, visto que é um local de referência para o município ainda nos dias de hoje.

Ao realizar este estudo creio ter contribuído para dar visibilidade a construção da identidade de uma professora religiosa, ao perceber que esta vai se dando ao longo da vida, não se restringindo a uma simples etapa. Além disso, espero ter destacado a importância dos estudos sobre as instituições educacionais, pois estes lugares são cheios de histórias, fazendo-nos compreender que a história

da educação não é uma só, tampouco é homogênea ou uniforme, porque é, na verdade, construída por diferentes sujeitos com suas singularidades.

Elza durante toda a entrevista referia-se ao Colégio Cristo Rei como sua casa, um lugar que segundo ela, marcou sua vida. Sempre que voltava de suas transferências para Içara, sentia-se muito feliz por retornar, contudo, houve um determinado momento em que decidiu se afastar.

Com este estudo espero ter contribuído para que a história do Colégio Cristo Rei não se perca, assim como a história de quem dele fez parte, seja na condição de professores/as, alunos/as/, gestores/as, pessoal do apoio, pais e comunidade escolar. Esta foi a parte que me coube. A partir do meu olhar, outros poderão e deverão lançar outros olhares diferentes sobre este estabelecimento de ensino, sobre a trajetória de Elza de Andrade e de outras professoras, contribuindo assim para a reconstrução das identidades docentes.



## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **História e histórias de vida – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no Estado do Rio Grande do Sul. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **História e histórias de vida – destacados educadores fazem a história da educação Rio-Grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p 13-33.

ALVES, Alessandra de Souza et al. Brincadeiras populares esquecidas no tempo. I In: ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO XVI PRÊMIO EXPOCOM 2009 – EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais XVI EXPOCM**. Curitiba. Intercom, 2009. p. 1.-.8.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

AZZI, Riolando; REZENDE, Maria Valéria V. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: \_\_\_\_\_(org.). **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

ANDRADE, Elza de **O jardim da minha vida**, 1 ed: Rio de Janeiro: Art Design, 2006.

BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**, 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

COSTA LIMA, Luiz, **"Mito e provérbio em Guimarães Rosa", em A metamorfose do silêncio**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1985.

CRÔNICA da casa assistencial de mineração de Içara/SC (1959-1968). Filhas do Divino Zelo. Içara (SC).

GONZÁLEZ REY, F. **A investigação qualitativa em Psicologia: rumos e desafios.** São Paulo: Educ., 1999.

HISTÓRICO. Congregação das Filhas do Divino Zelo. Disponível em: <http://www.fdz.org.br/index.asp?id=onde>). Acesso em 20 Fev. 2007.

HISTÓRICO: Colégio Cristo Rei, Içara/SC. Filhas do Divino Zelo. Disponível em : ([www.ccr-sc.educacional.net/ciencias.asp](http://www.ccr-sc.educacional.net/ciencias.asp)). Acesso em 20 de maio de 2009.

KREUTZ, Lúcio. **Magistério e Imigração Alemã. O Professor Paroquial Católico Teuto-Brasileiro do Rio Grande do Sul no Movimento da Restauração.** São Paulo: PUC, 1985. (Tese de Doutorado em Educação).

KENSKI, V M. **Sobre o conceito de memória:** São Paulo: Papirus, 1995.

Livro Ata da Sociedade Civil Colégio Cristo Rei, 1960.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista: Petrópolis, RJ: 5 ed: Vozes, 2007.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. **História da Educação**, Pelotas, v. 14, p. 62-77, setembro 2003.

LOPES, E. M. T; GALVÃO. A. M. O. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Relíquias de professora: a singularidade de uma trajetória na trama da história. In: FRANCO, C.; KRAMER, S. (org). **Pesquisa e educação:** história, escola e formação de professores. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

MIGNOT, A. C. V. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: Ana Chrystina Venancio Mignot; Maria Helena Câmara Bastos; Maria Teresa Santos Cunha. (org). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica.** 1. ed. Florianópolis: Mulheres, 2000, v. 1, p. 123-143.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NUNES, Maria José Ronaldo. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto/UNESC, 1997. p. 483-509.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Imagens orais, escritas e fotográficas: registros reconstruídos por professores. **História da Educação**, Pelotas, v. 12, p.105-117, 1997.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto/UNESC, 1997.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão**: Pedagogias Missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. Santa Catarina, 2007.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli Suzana. **Gênero na educação**: espaço para a diversidade. Florianópolis: Genus, 2004.

## **ANEXOS**

## **RELAÇÃO DE ANEXOS**

A – Roteiro da Entrevista da Irmã Elza de Andrade realizada em 14/03/2009.

B – Termo de Consentimento Informado

## **ANEXO A:**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA:**

**Nome da entrevistada:** Irmã Elza de Andrade.

**Local e data de nascimento:** Içara –SC – 16/08/1948

**Pai:** Jacinto José de Andrade.

**Mãe:** Maria Rosa de Andrade

**End.** Estrada geral s/ n° Localidade de Taquaraçú, município de Laguna - SC.

**Cep.** 88709-000

**Telefone –** (48) 3644-5193

**Nome do(a) entrevistador(a) :** Edinalva Leal Ferreira

**Data da entrevista:** 14/03/2009.

>> A gente sabe que muita coisa a gente vai encontrar no livro que a senhora escreveu sobre sua vida e sobre a sua família, mas de qualquer modo algumas perguntas a gente vai fazer novamente aqui. A senhora entrou na Congregação Filhas do Divino Zelo em que ano? A senhora tinha que idade?

>> E por que a senhora entrou na congregação, o que a motivou?

>> Quando a senhora entrou na Congregação FDZ já havia jardim de infância ele já estava pronto na época?

>> A senhora ficou instalada na Casa Assistencial de mineração de Içara?

>> Como era o jardim de infância e como eram as instalações, a senhora como juvenista ia para o jardim ajudar as professoras, cuidar das crianças, o que a senhora lembra dessa época?

>> A senhora ajudava as irmãs que eram professoras, quais eram as irmãs professoras?

>> Para lecionar as docentes religiosas tinham diploma, formação na área, magistério?

>> Havia professoras que não eram religiosas, ou seja, leigas?

>> Eram muitas crianças que freqüentavam o jardim de infância, irmã? O jardim de infância tinha uma estrutura boa?

>> E quanto as outras irmãs, a senhora ajudava a cuidar das crianças no jardim e as outras religiosas, elas ficavam responsáveis por outras atividades?

>> A senhora então acompanhou esse processo de instalação do colégio? Como é que foi? Quem apoiou e quais as dificuldades que foram encontradas? Veio dinheiro da própria Congregação? Teve apoio de empresários, ou dos próprios mineradores, ou do Sesi?

>> Quem era a irmã responsável pelo Colégio Cristo Rei? Vocês estudavam no próprio Colégio Cristo Rei?

>> A senhora freqüentou o Grupo Escolar Antonio João? A senhora lembra de alguma Professora?

>> Eles lançaram recentemente uma revista com a história da Escola Estadual Antonio João?

>> Então, na verdade a senhora estava na Congregação, estudava para poder lecionar e já tinha uma turminha sobre sua responsabilidade? Era o primário? Que nível era? Então tinha o primário?

>> Quando vocês mudaram definitivamente para a nova Casa, ou seja, o Colégio Cristo Rei?

>> A senhora trabalhou com quais séries? E depois a senhora continuou os estudos?

>> A senhora ficou com o curso do magistério completo?

>> A senhora foi diretora do Colégio Cristo Rei?

>> Acho que em relação a datas Idas e vindas, tem um material bem bom que é o seu livro! E então a senhora como nós já falamos atuou bastante como professora. Esta ida para o magistério foi uma escolha sua ou foi algo que a congregação disse: olha daqui para frente tu tens que assumir sala de aula, como isto aconteceu?

>> Então nessas divisões, nessas especializações a senhora foi para o magistério?

>> A senhora trabalhou com o primário, trabalhou também com o jardim de infância e também, pegou a 5ª série? A senhora trabalhou com ensino médio?

>> No curso de contabilidade que o Colégio Cristo Rei oferecia, do que a senhora dava aula?

>> Quanto a sua formação, a senhora já falou que fez o Magistério normal regional e também Curso de Letras como aconteceu esse processo, o que significou esta formação pra senhora?.

>> A senhora teve uma formação bastante consistente para o magistério? A senhora gostava de lecionar?

>> Que ensinamentos da vida religiosa foram importantes para o seu trabalho no magistério?

>> A senhora fez todos esses cursos e essas formações, mas o que a senhora teve na sua formação religiosa que foi importante no seu trabalho com as crianças. Que tipo de ensinamentos a senhora recebeu e utilizava enquanto professora?

>> Sobre a sua formação para o magistério (Normal Regional, Normal e Letras) a senhora lembra de autores que a senhora lia e usava nas suas próprias aulas, na



organização da metodologia de trabalho, lembra de algum autor? De algum dos teóricos que fundamentavam também a sua prática?

>> A senhora chegou, por exemplo, a ouvir Montessori, é que daí a senhora trabalhou com alfabetização, por exemplo, ou Pestalozi, Rousseau?

>> Irmã a senhora fala que as coisas estavam um pouco prontas e aí ficava difícil se utilizar da criatividade, mas certamente mesmo tendo as coisas prontas e senhora criava também?

>> No jardim de infância a senhora criava atividades diferenciadas? Ou era uma rotina? E vocês tinham que acompanhar?

>> As crianças no jardim de infância ali no Cristo Rei, elas já se alfabetizavam ou não? Que método a senhora usava para alfabetizar? E a senhora fez cursos, voltados especialmente para alfabetização?

>> A senhora guardou caderno dessa época? Ou livro do curso normal ou tem alguma coisa dessa época?

>> E dos seus planejamentos, a senhora tem alguma coisa que tenha guardado? E de professora caderno de planejamento?

>> Das disciplinas que a senhora lecionou, como alfabetização, ensino religioso e português em quais que a senhora se especializou?

>> Lembra de algum fato ali no Cristo Rei que deixou à senhora numa situação difícil, em relação aos alunos, à indisciplina, algum acontecimento que marcou a sua experiência como professora, que chocou que a senhora não soube lidar com aquilo naquele momento?

>> Na sua época, ali no início do Colégio Cristo Rei era comum o castigo aos alunos? Ficar virado para parede?

>> E na direção da escola a senhora tinha um grupo trabalhando com a senhora de professores e demais funcionários, tinha algum tipo de projeto, de plano que vocês sentavam para conversar. Existia algum Projeto Político Pedagógico naquela época?

>> Lembra do nome de algumas irmãs que foram professoras na sua época?

>> Irmã a senhora fala que no começo os alunos não pagavam mensalidade? A senhora lembra a partir de quando isso começou a acontecer?

>> Em que ano a senhora assumiu como diretora do colégio Cristo Rei?

>> Irmã como é que era o dia a dia do Colégio, ou seja, como era a dinâmica do colégio, que coisas aconteciam no Colégio que ficaram registradas nas suas lembranças enquanto professora, as atividades, o que a senhora lembra quando olha para trás e lembra do Colégio Cristo Rei funcionando?

>> Como foi sua experiência no Colégio Cristo Rei como bibliotecária, quando voltou da Itália pela última vez?

>> Então a senhora sentiu que houve mudanças no comportamento dos alunos comparando à época que a senhora começou a lecionar?

>> E quando a senhora lecionava ainda lá no início, a senhora organizava programações religiosas com o jardim de infância levava eles pra missa ou na época do natal organizava algumas coisas ou no dias das mães ou mês de Maria, como vocês faziam nestas datas? As crianças participavam ativamente?

>> Uma coisa que mudou muito foi o respeito e a educação e isso para a senhora, por que mudou? Qual o ingrediente maior dessa mudança?

>> Quando o Colégio Cristo Rei foi inaugurado e quando vocês foram para Içara?

>> No início da fundação do Colégio eles atendia a que classe social? Eram filhos de mineiros? Eram filhos de políticos ou de comerciantes? Qual era o público alvo ali no Colégio?

>> Era o próprio colégio que dava a bolsa ou essa bolsa vinha de alguma entidade?

>> Então era uma bolsa que eles recebiam, a senhora lembra se tinha a ver com o fato deles serem filhos de mineiros? Havia divisão entre os alunos, havia preconceito?

>> A senhora lembra de algum aluno ou aluna que marcou a sua experiência?

>> Irmã, em relação ao Colégio ele surge com o primário? Depois vem jardim de infância também? Depois vem o ginásio? Teve o curso normal lá também? Teve o Magistério?

>> E a senhora lembra de alguma atividade religiosa com as crianças ou uma peça de teatro que a senhora ensaiou ou pode até falar um pouquinho do coral também? Em que ano foi isso? A senhora que dirigia o coralzinho? E que músicas eram cantadas no coralzinho do Colégio Cristo Rei?

>> A senhora organizava teatro com eles, alguma peça religiosa também?

>> Além das aulas no Colégio, a senhora assumia também a catequese, na Içara?

## **ANEXO B:**

### **UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC GRUPEHME-GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Sob o título **AS MARCAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA NA TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA EM UMA ESCOLA CONFSSIONAL** esta pesquisa culminará na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável é a acadêmica Edinalva Leal Ferreira, matriculada no curso de Pedagogia, da UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC, orientanda da(o) professor(a) Giani Rabelo, da mesma instituição. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (48) 3431-2766/3433-8476.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, \_\_\_\_\_, Identidade n.º \_\_\_\_\_,

\_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, desenvolvida pela aluna Edinalva Leal Ferreira, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

(    ) Solicito que seja resguardada minha identificação

(    ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Criciúma, 18/07/2010.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador/a